o livro da argila

Ëliwë Pampila

Orino Papeh

o livro da argila

Ëliwë Pampila
Orino Papeh

O Iepé é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2002, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento cultural e político e para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará, proporcionando-lhes assessoria especializada e capacitação técnica diversificada, para que se organizem e possam enfrentar, de forma articulada, os desafios crescentes que se colocam hoje às suas comunidades e organizações, para a defesa de seus direitos e interesses.

Conselho Diretor: Lux Boelitz Vidal (Presidente), Marina Kahn (Tesoureira) e Lúcia Hussak van Velthem (Secretária)

Conselho Editorial: Denise Fajardo, Dominique Tilkin Gallois, Luis Donisete Benzi Grupioni, Lúcia Hussak van Velthem e Lux Boelitz Vidal

Coordenador Executivo: Luis Donisete Benzi Grupioni

Coordenador Executivo Adjunto: Décio Horita Yokota

Coordenadora do Programa Tumucumaque: Denise Fajardo

Equipe do Programa Tumucumaque: Andréia da Silva Vaz, Antônio de Barros Assumpção, Cecília de Santarém Azevedo de Oliveira, Diogo Campos dos Santos, Evandro Batista Antunes Bernardi, Jeciane Fonseca de Souza, Manoela Freire de Oliveira, Nacip Mahmud Lauar Neto, Renan Reis de Souza e Rosamaria Santana Paes Loures

Assessoria Antropológica ao Programa Tumucumaque: Lúcia Hussak van Velthem e Ruben Caixeta de Queiroz

Para saber mais sobre o Iepé consulte www.institutoiepe.org.br

Realização

Parceria institucional

Apoio institucional e ao trabalho nas TIs Parque Indígena do Tumucumaque e Paru d´Este

Iepé São Paulo
Rua Professor Monjardino, 19
Vila Sônia 05625-160
São Paulo – SP
Tel: (11) 3746-7912
(11) 3569-4973
(11) 3569-4936
(11) 98203-3521

Iepé Macapá
Rua Leopoldo Machado, 640
Jesus de Nazaré 68908-120
Macapá – AP
Tel: (96) 3223 7633
(96) 3223 2052
(96) 3222-2400

Iepé Oiapoque
Rua Lélio Silva 91
Altos 68980-000
Oiapoque – AP
Tel: (96) 3521-3228
(96) 98143-0000

Iepé Santarém
Rua Silvério Sirotheau Corrêa,1235
Centro 68005-050
Santarém – PA
Tel: (93) 98100-0158

Iepé

o livro da argila

Ëliwë Pampila

Orino Papeh

Iori Leonel van Velthem Linke

Lúcia Hussak van Velthem

2017

Copyright © Iepé, 2017

o livro da argila Ëliwë Pampila – Orino Papeh

Iori Leonel van Velthem Linke (FPE Cuminapanema/CGIIRC – FUNAI; PPGCA: UFPA/MPEG/EMBRAPA) e
Lúcia Hussak van Velthem (MPEG – MCTIC)

Autores dos desenhos e textos em língua wayana
Arema Wayana
Arinaware Apalai Wayana
Herenaike Apalai Wayana
Ihpouru Wayana Waiãpi
Marikota Apalai
Mukaia Apalai Wayana
Sapotory Wayana
Setina Wayana
Setu Apalai Wayana
Tanunga Wayana Wajãpi
Tokanairu Apalai Wayana
Totori Apalai Wayana
Uranihto Wayana

Autores dos desenhos e textos em língua aparai
Cecília Awaeko Apalaí
Erouru Apalai Wayana
Ikurapyny Wayana Aparai
Imarepyny Aparai
Kezia Apalai
Jaruanare Apalai Wayana
Makinauru Wayana Apalai
Marakarepo Apalai
Maruanari Apalai Waiana
Mazaihpo Apalai
Mesenehto Apalai Waiana
Mokoni Aparai Wayana
Pixuxu Wayana Apalai
Tawarepo Apalai

Fotografias
Iori Leonel Linke
Fabio Filpo Jacob (página 30)
Lucia Hussak van Velthem (página 67)
Tanai Wayana (página 56)

Foto da capa
Iori Leonel Linke

Editor
Luís Donisete Benzi Grupioni

Projeto gráfico
Renata Alves Souza

Editoração
Tipográfico Comunicação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vethem, Lucia Hussak van
O livro da argila : Ëliwë Pampila : Orino Papeh /
Iori Leonel van Velthen Linke, Lucia Hussak van Vethem. -- São Paulo : Iepé, 2017.

Bibliografia
ISBN 978-85-98046-23-5

1. Argila 2. Cerâmica 3. Índios Aparai - Usos e costumes 4. Índios da América do Sul – Brasil – Cultura 5. Índios Wayana – Usos e costumes 6. Povos indígenas I. Linke, Iori Leonel van Velthen.
II. Título.

17-09457 CDD-980.41

Índices para catálogo sistemático:
1. Brasil : Povos indígenas 980.41
2. Povos indígenas : Brasil 980.41

índice

introdução 6

os Wayana e os Aparai no Brasil 12

narrativas dos primeiros tempos 24

fazer e pintar os artefatos cerâmicos 40

a cerâmica e as atividades de valorização 64

tipos de recipientes cerâmicos 70

terminologia wayana e aparai da cerâmica 88

referências bibliográficas 98

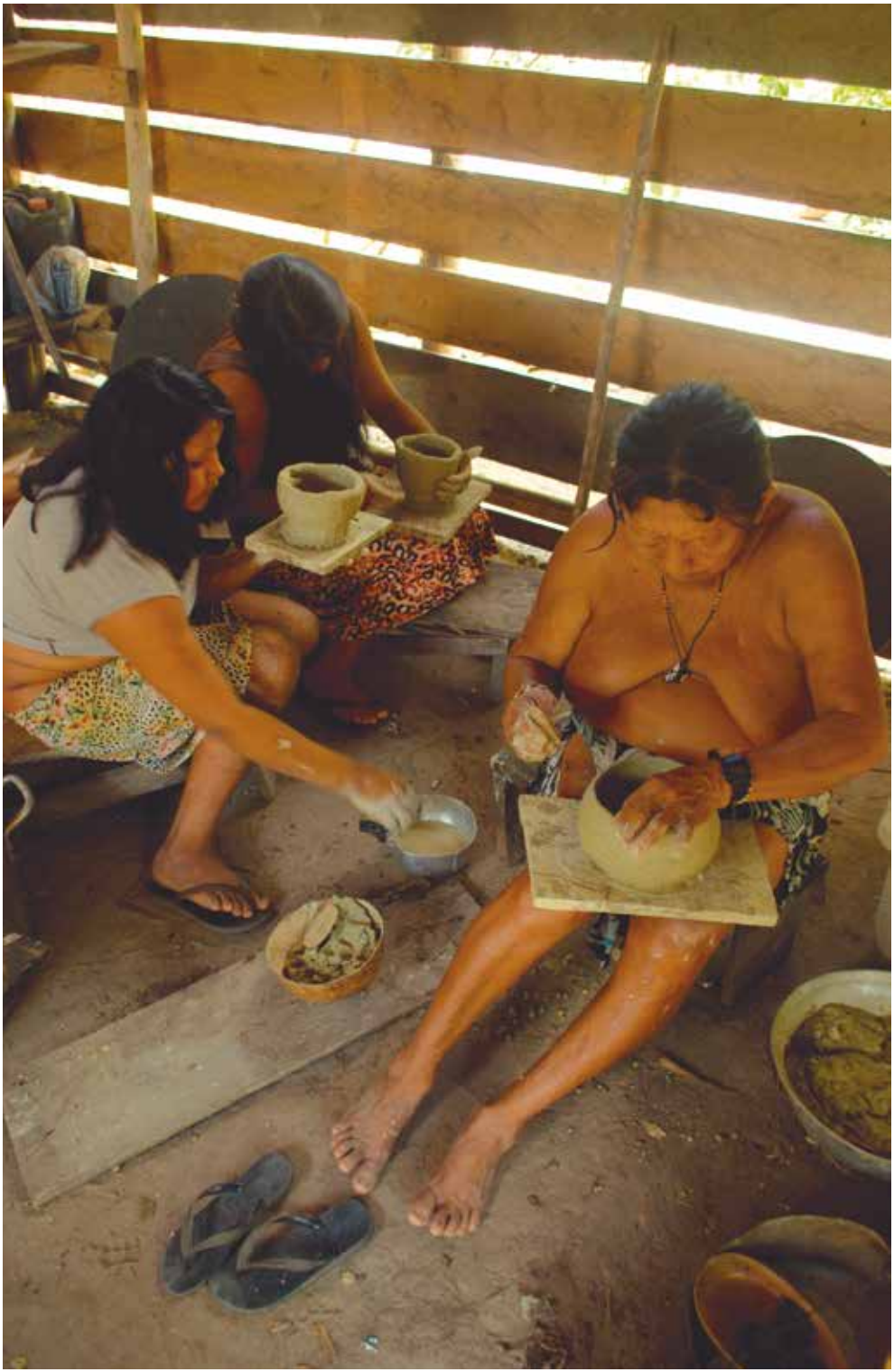
introdução

Os artefatos confeccionados pelos Wayana e Aparai apresentam formas tão diferenciadas e particulares que desafiam a imaginação de quem os admira. Produzidos para serem utilizados na vida cotidiana ou em momentos rituais, remetem a aspectos que estão além de sua função, de sua forma, dos materiais que o compõem. Cada objeto revela as intenções, os saberes, as memórias, o senso estético e as relações sociais da pessoa que o confeccionou, seja homem ou mulher.

Os Wayana e os Aparai possuem um jeito próprio de viver que reúne experiências, saberes e conhecimentos únicos e que não se confundem com os de outros povos indígenas no Brasil. Todo esse imenso legado se revela na produção e uso dos artefatos de cerâmica que emprega argila e outras matérias-primas.

Muitos saberes são necessários para a confecção dos artefatos em geral. Os principais estão relacionados com as habilidades técnicas e os conhecimentos sobre os recursos naturais disponíveis, sua localização e a forma de serem colhidos. Nas áreas de mata está a maioria das matérias-primas de origem vegetal, como o arumã, os cipós, o cedro, mas algumas podem ser plantadas nas roças ou nas capoeiras, entre as quais o curauá e a cana de ubá. Certos materiais, tais como pelos, penas, couros, dentes e garras, provêm de animais que foram caçados ou são criados nas aldeias e outros, como as argilas, estão nos barrancos dos igarapés.

Nas aldeias dos Wayana e Aparai são encontrados artefatos confeccionados com argila. Nos estudos antropológicos de cultura material, os objetos feitos com esse material pertencem à categoria artesanal da cerâmica, ao lado de outras categorias, tais como a cestaria, a plumária, a tecelagem e o entalhe em madeira. Entre os objetos indígenas mais estudados, a cerâmica ocupa o primeiro lugar, tanto no passado como nos dias atuais. Isso se deve ao fato de que os artefatos de argila e sua tecnologia sempre interessaram os arqueólogos, os etnólogos, os museólogos e os historiadores da arte.



Oficina de cerâmica na aldeia Parapara

Nas aldeias do rio Paru de Leste, norte do estado do Pará, as mulheres wayana e aparai dedicam-se principalmente a duas categorias artesanais. Nas línguas faladas nesta região, a primeira denomina-se *ëliwë/orino*, o que significa "argila" e, por extensão, a categoria da cerâmica. A segunda é *mau/mauru*, cuja tradução é "algodão" e corresponde à tecelagem, a qual emprega fios de algodão nativo para a confecção de redes e tipoias e outros materiais, como miçangas, para produzir cintos, pulseiras, colares, tangas.

Entre as categorias artesanais masculinas, sobressai a cestaria que é identificada como *wama/aruma*, o que significa "arumã". Os trançados empregam, além deste material, o cipó titica, as folhas fechadas ou abertas de palmeiras. Outra categoria é a do entalhe em madeira, como o cedro, técnica que é denominada de *pahieh/merie*, do nome de um pequeno instrumento de corte, feito com o dente de cotia ou paca. Um terceiro e importante trabalho artesanal masculino é referido como *ihpot/ihpoty*, cuja tradução é "pena de ave" e que nomeia também a plumária, que emprega técnicas elaboradas e materiais variados para a criação de vistosos adornos corporais.

No presente, a arte de trabalhar a argila interessa sobremaneira as mulheres wayana e aparai, pois desejam valorizar e registrar este conhecimento. A atenção está voltada tanto para os aspectos técnicos de confecção, como também para as diferentes formas das vasilhas, para as pinturas que são aplicadas, as possibilidades de utilização, a mitologia de referência e muitos outros saberes relacionados com esta categoria artesanal.

O conteúdo deste livro foi discutido e estabelecido com a participação dos Wayana e Aparai durante a realização de oficinas sobre cerâmica nas aldeias Para-Para, Bona e Jolokoman no período compreendido entre 2014 a 2016. Nestas ocasiões, os participantes realizaram ilustrações e documentação fotográfica, assim como produziram textos nas línguas wayana e aparai e, posteriormente as transcrições e correções. Esta publicação representa, portanto, o fruto de um trabalho coletivo de autores e pesquisadores indígenas que são creditados no início deste livro, cuja finalização coube aos organizadores e incluiu sugestões de Denise Fajardo.

Uma pesquisa aprofundada sobre o tema da cerâmica foi realizada por uma pesquisadora indígena – Pixuxu Wayana Apalai – moradora de Aldeia Bona, cujos textos encontram-se reproduzidos neste livro, especialmente nas páginas 22, 23, 76 a 85, e 97, assim como os desenhos da página 75.

Retornando da roça, rio Paru de Leste

Nas identificações dos povos indígenas em questão, optamos pela grafia mais frequente, a saber: Wayana e Aparai. A citação das palavras nas línguas indígenas obedecerá a seguinte sequência: primeiro em língua wayana e depois em aparai.

Deve ser mencionado que este livro não esgota a temática da cerâmica, pois é complexa e muito mais ampla do que o descrito nestas poucas páginas. Apresentamos, tão somente, um material de divulgação, concebido com o objetivo de documentar, promover e compartilhar os conhecimentos sobre esta categoria artesanal com o público em geral e, particularmente, para os próprios Wayana e Aparai, enquanto um suporte à memória desses conhecimentos e das oficinas realizadas.

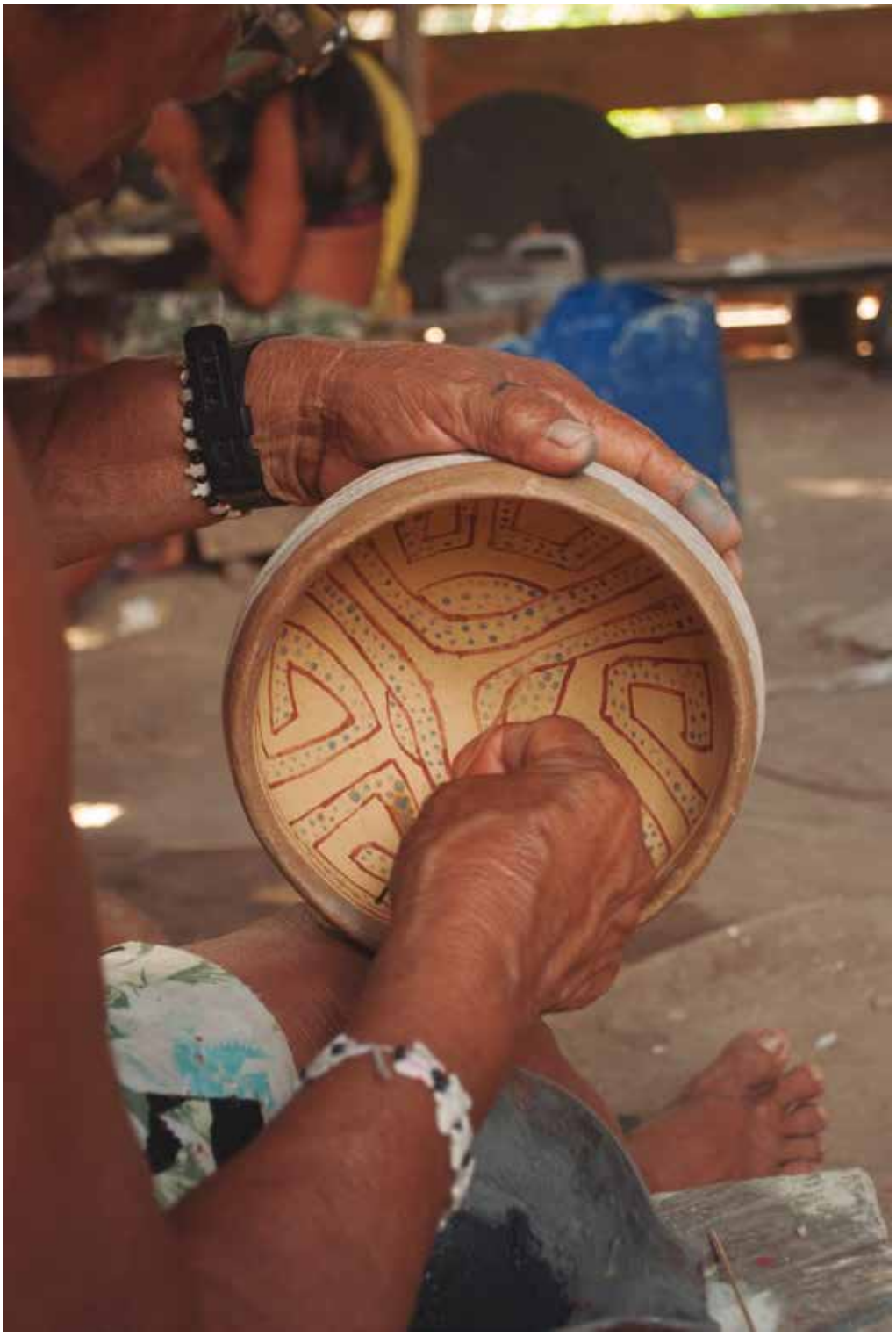
os Wayana e os Aparai no Brasil

Este livro faz referência a dois povos indígenas que falam línguas da família Karib. Muitas pessoas são Wayana (Wajana, Waiana, Oiana) e outras são Aparai (Apalai, Apalaí). Outros, contudo, se identificam através de uma dupla filiação: Wayana Aparai ou Aparai Wayana. Isso ocorre devido aos intercasamentos, pois esses dois povos, há mais de um século, estão em estreita convivência, o que resultou em numerosas uniões e em uma coexistência pacífica. Permitiu, também, a troca de muitos elementos culturais, o que gerou uma certa homogeneidade cultural, mas sem eliminar por completo as especificidades dos Wayana e dos Aparai. No presente, esses povos somam 1100 pessoas que compartilham os mesmos aldeamentos, os quais podem incluir outros povos indígenas, tais como os Tiriyó, Akuriyó, Txikiyana e Wajãpi.

No Brasil, os Wayana e Aparai estão estabelecidos atualmente às margens do rio Paru de Leste, ao extremo norte do estado do Pará, nas Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru D´Este. Entretanto, até a década de 1960, habitavam um território muito mais vasto, que compreendia também as bacias do rio Jari e rio Maicuru. Este território abrigava numerosas, porém pouco populosas aldeias, que se articulavam através do desenvolvimento de redes de relações que possuíam diferentes motivações: alianças para ataques guerreiros, rituais entre diferentes comunidades, casamentos, trocas de bens especializados, nas quais se destacavam os parceiros pessoais e exclusivos.

Em meados da década de 1960, o então SPI – Serviço de Proteção ao Índio, que viria a ser substituído pela FUNAI em 1967 – e as Forças Armadas uniram-se para dar início a uma ação que pretendia o estabelecimento dessas populações em uma única e central aldeia, o Posto Indígena Apalaí. Este Posto existe até o presente, porém com o nome de Aldeia Apalaí, também conhecida como Aldeia Bona, ou ainda Karapaeuru pata, sendo este seu nome em língua aparai.

A interferência nas práticas tradicionais indígenas de ocupação do território foi coordenada com o objetivo de facilitar trabalhos de doutrinação religiosa e assistencialista de fundo tutelar aos Wayana e Aparai. Era o tempo em que a Força Aérea mantinha um posto militar de fronteira e a Fundação Nacional do Indio dois postos indígenas, no alto e médio rio Paru de Leste. Aos poucos, várias famílias afastaram-se de Aldeia Apalai e foram se estabelecer em regiões mais propícias para a caça e a pesca.



Pintura interna
de um vaso
kalipo/tumeri

Vista aérea da aldeia Xuixuimene

Anos depois teve início o processo de identificação e delimitação da Terra Indígena Rio Paru D'Este e da conversão do Parque do Tumucumaque na Terra Indígena Parque do Tumucumaque, ambas homologadas através de Decreto Presidencial em novembro de 1997. O reconhecimento dos direitos indígenas, previstos no "Capítulo dos Índios" da Constituição Federal do Brasil promulgada em 1988, permitiu que fosse reconhecida a posse e usufruto exclusivo dos territórios tradicionalmente ocupados pelos Wayana e os Aparai. Ao lado dessas garantias, a extinção da relação tutelar com os povos indígenas acelerou o processo de retomada dos territórios de habitação ancestral e, então, a partir de aldeia Apalaí, as famílias wayana e aparai espalharam-se de norte a sul nas margens do rio Paru de Leste, que percorre as duas Terras Índigenas, e estabeleceram as atuais 24 aldeias.

Terra Indígena Parque do Tumucumaque – 3.071.067ha			
Estados	Municípios	Povos	Aldeias
Amapá	Laranjal do Jari	Akuriyó Aparai Katxuyana Tiriyó Txikuyana Wajãpi Wayana	Cachoeirinha Mataware Taunumai Jahelai Tyryryman Iliwa Maxipurimo Apalaí (Bona) Murei Kurieukuru Aramapuku Arawaka Tapauku Xitare Tary
Pará	Oriximiná Óbidos Almeirim Alenquer Monte Alegre		

Terra Indígena Rio Paru D'Este – 1.195.785ha			
Estados	Municípios	Povos	Aldeias
Pará	Almeirim Alenquer Monte Alegre	Aparai Wajãpi Wayana	Kurupohpano Xuixuimene Jolokoman Ananapiare Kurumurihpano Itapeky Pururе Para-para

Aplicação
do verniz
mëpuk/mapuku

Ao norte, na fronteira entre o Brasil e o Suriname e no entorno das duas terras indígenas mencionadas, encontramos três grandes unidades de conservação integrais. No extremo nordeste há o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque. A leste, sudeste e sul a Reserva Biológica Maicuru, e ao sul, sudoeste e oeste a Estação Ecológica Grão-Pará, ambas criadas pelo Governo do estado do Pará. O total das áreas protegidas compõe uma vasta região, ligando-se às outras reservas, tais como a Floresta Estadual do Paru, a Floresta Estadual do Trombetas e às Terras Indígenas Waiãpi, Kaxuyana-Tunayana, Nhamundá-Mapuera e Trombetas-Mapuera o que permite formar um vasto mosaico que se estende do Amapá até o leste do Amazonas e o sudeste de Roraima, incluindo a quase totalidade da calha norte do Pará.

Apesar das terras indígenas estarem devidamente regularizadas – e isto evidentemente representa uma garantia de direitos –, as mesmas representam, contudo, recortes territoriais, a saber, grandes trechos fechados do vasto território onde outrora os Wayana e os Aparai viviam. Com a população crescendo continuamente, e com a impossibilidade de ampliação de seus territórios, a questão atual que se coloca para os Wayana e Aparai, é como as terras que ocupam poderão garantir a reprodução física e cultural, o bem-viver, dessas pessoas e suas famílias, no presente e no futuro.

Nos utimos dez anos as questões de sustentabilidade socioambiental vêm sendo continuamente debatidas pelos Wayana e Aparai com seus parceiros, seja nas aldeias, ou nas cidades através de oficinas, reuniões, diagnósticos, assembleias de lideranças e na própria associação indígena. Tais discussões objetivam a construção de um plano de gestão comunitário, participativo e dinâmico das Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru D'Este. A Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial (PNGATI, Decreto 7.747 de 2012), permitiu que acordos coletivos fossem corrigidos e confirmados em diversas reuniões e hoje configuram um Plano de Gestão Ambiental e Territorial (PGTA) para as Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru D'Este.

N
Suriname
Guiana
Cachoeirinha
Matawaré
Terra Indígena
Parque do Tumucumaque
Jahelai
Manau
Tyryryman
Iliwa
PARÁ
Maxipurimo
Murei
Bona
Kurieukuru
Arawaka
Tapauku
Sitale Kumnta
Kurupohpano
Xuixuimene
Jolokoman
Kurumuripano
Ananapiare
Itapeky Pururé
Terra Indígena
Rio Paru D'Este
0
20
40
60
80
100
Km

TERRAS INDÍGENAS

PARQUE DO TUMUCUMAQUE

E

RIO PARU D'ESTE

ORINO

Osemazuhme pakatokomo a tapoise tumeri pake kuriwerui winoino tapoise eya xine.

Mame pakatokõmo ytõse totó kuriwerui a orino poko pake?

Nae ehse emero kuriwerui wino tumerime exikety te, typerykemyme exikety te, kasanamanome exikety nae emero ewino orino noty wino ehse emero nae pake mame ytõse toto kuriwerui a orino poko?

Pake seromaroropyra ytõse myaro toto, kuriwerui a pake mãkomo.

Morararo zurupõko roropa ehse toto oehnokene!

Mama ãko toto eya jeripose ae, oya mama tykase toto kuriwerui a.

Turupose eya xine tumerise ase te, apipase ase te, orinatose ase te, typerykemyse ase te, kasanamanose ase te, ynara mama tykase toto, kuriwerui a...

Ynara jexiryke etuarimãko jexiryke oehno!

Oya mama tykase toto eya morara exiryke tokarose eya xine orino noty a tumeri.

Morararo epehpyry se toehse eya xine orino nõty.

Morara exiryke epehpyry tapuhse eya xine tumeri pisarara ekarõtohme kuriwerui a morararo ekarõko ahtao oturuko toto kure orino riryhtao ehtohme aputyryhtao roropa kure ehtohme te, ehmopyra ehtohme roropa.

Ynara ehse toto zurupõko ehse pake mãkomo eya morara exiryke kure ehse inyriry kõmo pake.

Enehnõko ehse toto xiaro typatary kõ pona tyritohme tumerime nohpo tomo a ynara ehse pake mãkomo pake ahtao.

Osemazuhme ytõko aporo orino poko kumarikuaka.

Moero orino kase toto kumarikuao pake. Morararo orino kurãno enehnõko roropa toto nae popyra exikety, nae kure exikety, me exiryke zupĩko aporo axĩpyra enẽko.

Morararo poetoẽme ahtao ipokopyra aporo morararo munume ahtao ipokopyra aporo ynara exiryke ihmomãko exiryĩno rokene tyriryhtao tyrĩko tapyi tao aporo moroto pixo asakoro inyhmãko tapyi tao tykyhtãko rokene ahtao tytykyhtase.

Morotoino tyrĩko tumerime rahkene apuhnõko roropa.

Amẽke pixo tyrĩko ahno ytopyra ehtohpona jahkãko.

Morararo ahno pyra toehse ahtao kokonipukuro jahkako kuĩkara toehse ahtao ahno tõmo mynyhne roropa te, kuĩkara roropa te, tuna onẽpyry roropa jahkaryhtao ynara exiryke omi ezuhnõko mana toehmotohme morara exiryke mynyhme mokyro aporo ehmomõko exiryke rokene.

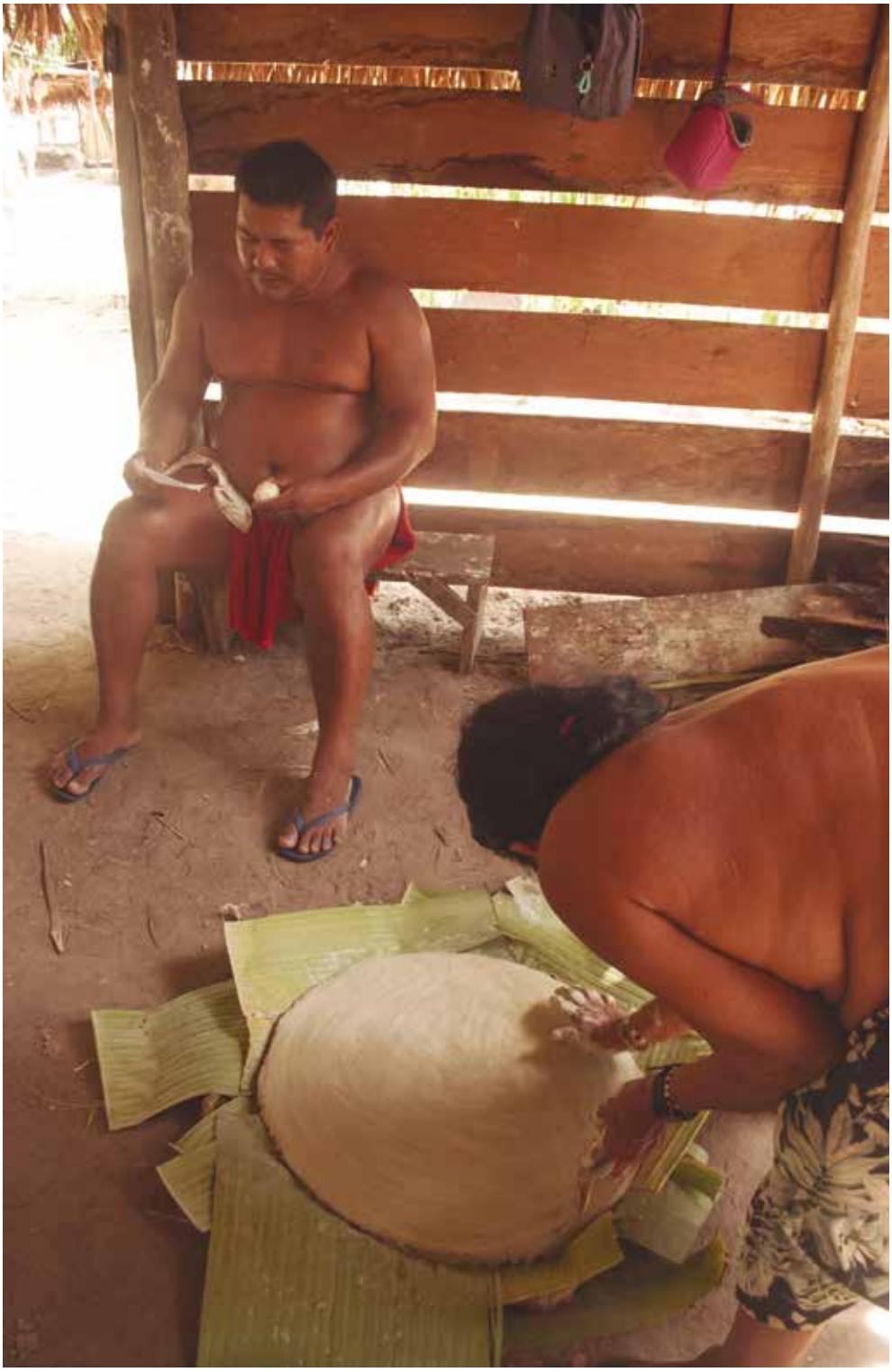
narrativas dos primeiros tempos

Para os Wayana, o "tempo dos antigos" é aquele em que os heróis descritos nos mitos viviam na terra. Nessa época criaram as pessoas, as aldeias, os objetos, os animais, os rios e muitas outras coisas. Uma importante narrativa dos primeiros tempos descreve a criação das mulheres e, assim, um herói, denominado *Umale*, certo dia resolve fazer uma pessoa, destinada a ser sua irmã. Essa mulher deveria produzir os alimentos consumidos, que são as bebidas fermentadas, à base de mandioca e denominadas de *okï*. Uma primeira mulher é modelada com *mani*, o cerol e uma segunda é feita de *ëliwë*, a argila. Para a criação de uma terceira mulher, o herói mítico emprega *wama*, o arumã.

A mulher confeccionada com argila recebe o mesmo nome do material de suas carnes: *Ëliwë*. Ao estar concluída, anima-se, mas não é capaz de preparar as bebidas fermentadas, pois não consegue mover-se devido a seu peso, que é excessivo. Segundo outras versões deste mito, ao passar a alça do cesto cargueiro pela testa, a mulher de argila tem o pescoço fraturado, o que ocasiona sua morte.

O que caracteriza a mulher feita de argila pelo herói mítico é o fato de ser considerada "pesada". Este aspecto constitui uma forma dos Wayana descreverem pessoas, sobretudo mulheres, que se locomovem pouco e lentamente: *"está pesada, parece Ëliwë"*. Este mesmo pensamento faz com que seja evitada durante as festas a reprodução, na pintura corporal dos dançadores, dos desenhos e grafismos que são usualmente aplicados às vasilhas de argila. Os jovens que estariam pintados com esse tipo de desenhos ficariam pesados e lentos e não dançariam com o entusiasmo necessário. Esse é o motivo porque os rapazes são preferencialmente pintados com desenhos que são reproduzidos nos trançados de cestaria, pois estes têm o poder de acarretar o efeito contrário, uma vez que transmitem agilidade a seus portadores.

As principais distinções percebidas nos objetos feitos com argila são, além do peso, a facilidade com que se quebram. As rachaduras desses artefatos são consideradas as suas "doenças" e são comparadas às fraturas dos ossos das pessoas. Por esse motivo, os utensílios de argila são confeccionados e manuseados com extremo cuidado. Severas normas orientam a sua confecção, aspectos que não são observados tão estritamente quando da produção de objetos que empregam outras matérias-primas, como os fios de algodão.



Produção
de um torrador de
beiju
ëlinat/orinato

Uma moça retornando da roça com um *katali/katauri* cheio de mandioca

O contato direto com a argila pode trazer malefícios e influenciar pessoas enfraquecidas, uma vez que seus corpos ficariam pesados como essa matéria-prima e a mulher primordial, o que vai acarretar o prolongamento das doenças e a demora da cura. Desta forma, os enfermos devem ter cuidado redobrado, afastando-se do local de trabalho da ceramista.

As narrativas míticas mencionam que variados artefatos cerâmicos eram utilizados nos primeiros tempos e, assim, havia objetos para uso cotidiano e aqueles que eram empregados em rituais. Constituíam as posses de heróis míticos, membros de uma grande comunidade e genericamente referidos como *kujuli/kuyuri*. Esses artefatos eram empregados na produção e no consumo de seus alimentos, as bebidas fermentadas, entre as quais se sobressai o *kasili/kaxiri*, e que é o caxiri.

Um mito wayana indica que a cerâmica utilitária pertencia à *Pëlë* um ser que tinha a forma de uma fêmea de sapo cururu. Considerada a avó dos antigos, possuía os conhecimentos da fabricação do beiju de mandioca brava, destinado ao preparo de uma bebida específica, o *hakula/sakura*, produzida com beiju*s.* Em sua cozinha, *Pëlë* utilizava um torrador circular e vasilhas em argila, e também outros artefatos na preparação das bebidas, tais como tipiti, peneira circular, espátulas, confeccionados com materiais diversos.

Produzidos pelos heróis culturais, os objetos utilitários adquiriam o poder das técnicas de confecção empregadas. Assim, os artefatos da cozinha de *Pëlë* eram capazes de mudar de aspecto, porque podiam se transformar. Assim sendo, eram tanto objetos como outros seres: um ninho de vespas (o torrador); uma cobra sucurijú (o tipiti); uma serpente enrolada (a peneira circular); e assim por diante. Como se transformavam, eram utilizados por *Pëlë* na preparação de beijus e das bebidas, mas ao serem colocados novamente no jirau, voltavam a ter a aparência de animal. No entanto, ficavam quietos, pois como este lugar era constituído por suas redes de dormir, ao se deitarem, logo adormeciam.

Pëtïman/utukumano

Nos primeiros tempos existiam também vasilhas especiais, os recipientes usados para servir e consumir as bebidas fermentadas. Para os Wayana estes artefatos pertenciam a *Sulalapanan*, a criadora e protetora dos roçados, onde cresce a mais importante das plantas cultivadas, a mandioca brava, que permite confeccionar bebidas e beijus. *Sulalapanan* não era, entretanto, a produtora de seus artefatos de argila. Ela os recolhia em um lugar chamado Kuliwelui, um depósito de argila que podia moldar vasilhas e panelas, como relata o mito de origem da cerâmica, e que explica também como este modo de fabricação espontâneo foi perdido e não repassado aos primeiros humanos.

No presente, as criações e produções dos Wayana e Aparai estão relacionadas com os conhecimentos humanos. Os termos *tïheh/tyrise* que significa "fazer", indica que saberes técnicos apropriados atuam sobre matérias-primas naturais diversificadas, colhidas em lugares específicos na mata, como os caniços, folhas, cipós, madeiras ou nas roças, como o algodão, o curauá, nos barrancos dos rios, como a argila, ou retiradas de mamíferos e aves abatidas. Complexas técnicas de confecção permitem aos homens e às mulheres criarem objetos para serem usados tanto na vida cotidiana como nos momentos rituais.

Vasilhames secando antes da queima e pintura

Os Wayana e os Aparai reconhecem que a manutenção dos humanos depende de nutrientes e que os objetos, para se formarem, de materiais diversos. Desta forma, o termo *tëkalëi/tokarose* designa tanto as trocas de alimentos – beiju, carnes cozidas, bebidas fermentadas – elementos que constroem e conservam o corpo humano, como também as de matérias-primas empregadas na confecção dos artefatos, tais como argila, de fios de algodão, pigmentos minerais.

ORIPO OTUMAKATOPÕPYRY POKO – APIPA

Pake ahtao kunumuxi nae ehse esety Pororypana (Apipa Kana). Typake ehse ynororo, esety ikujuri Tamỹse eya poetome ahtao, mame tuatanohse eya ikujuri. Zumo pixo toehse ahtao, otytyko tyripitose eya, tynoty kyryry-me.

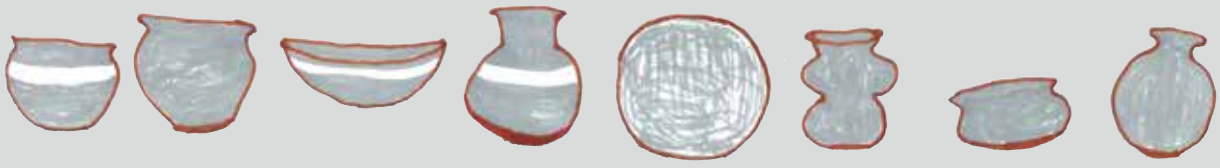
Tarame 8 anos me nexiase, porohtoh pitiko tyrise ikujuri-a, moro porohtoh pitiko tapũkase eya zumo aehtohme, moro otyhkaxĩpo toytose tynotya “mama eukuru tyriko tuasẽ rĩko ase, Kaikuixiana watopo tykase ynororo”. Mame inotya tozuhse oty aka eukuru rĩko ahno? Oty ae tuasẽ tõ ohpãkoma kasana to pyra sytase tykase inoty.

- Mama etakopahne, orino touko, mame oripo rĩko mase, te, tumeri, kasanamano, typerikemy, kaokomano, apipa, orinato, roropa, piparara tyriko kehko, atakenoka kã myritase mame tõtyhkase ahtao kũruko, apũkatohme tykase ikujuri tynoty-a pororupana a.

Mame moro, aomihpyry ae rokẽ tyrise inotya tyri tõtyhkose ahtao. Typary tykohmase eya, aimo notykã onyripohpyry tomo õmihpyry ae rokene tykase inoty, typary ikujuri-a. Mame tapũkase oripotomo tymenuramo, tymenurãkara, yanara.

Mame moto tõtyhkase ahtao, eukur tõ tyrise, inoty a porohtoh ẽkypyry me eukuru tõse ikujuri-a tynapũka tyã-ae, tãkye toehse ynororo, mame moro otyhkaxĩpo, tynoty turuse eya, tuasẽ rĩko ase mama, ytõko-ase Kaikuixiana tamuruhtaka, moero okynao pixo ase, emero tykohmase toto ahtao rokẽ oehnõko ropa ase. Mame osemazuhme Jekary enehpõko ase, mokaro mykapo rokẽ eporehkãko ase mama tykase tynoty-a.

Moro sã toehse, orino otumakato popyry, oripome tỹrisamo, ikujuri poe autumakasamo, ãko oturuke tomo.



UMALE EKALETOP

Maa tïkai Umale ekalëtop ënïka mëklë ïpam talanme tëhetke mam.

Mëlë Wama kaphem tënëpkai mëklë umaleja ïwëlïsi enetah kono tïaki mëklë ipam ënïk malonme tïtëi tïpohnohe teekïlïmai mëklë ipam tëlaimai lëlep tëpsikne tïkailep ïtëpolola esike tïtëi mëklë tïkapïtpon molo mëklë ulu ïkïpëk awëlisi ïnïkapïtpï malonme mëklë tïpam luen tulupkai kulikuli watkïme tïlïptï lue ïhet mëlë meinë tïtëi eja tuwaksikai mëklë wama ïhem tïkaimëi tuwaksikai maka tïkai maa tëpsine kono tïkai e tïnëlë wai nïkanmamë tïkai mëklë awëlisi aptao ïtëimëjai nïtëmë nai hehmalë kaikë nai hemalë tumëkëmëhei aptao tïkai mëklë ipam malonme tïtëimëi inëlë wotak ikaimëlïhtao tënmakaimëi ïnëlë poleh tëne kono hemalë nai nïteïmë mon ëwaptao tïkai lome tïtei ipilam e malona e awëlisi teh mulokonilu teh letukoni hua mëkja eluwa kom okaia tuatuapo hua eluwa kom ëhepïtïhnë wëlïham eluwa kom hakëne ëtïnë mëkja tëtïhe aptao iwetepu jak tëwomitai papak heneta mama tïkai tïjeja tëhkuhekne ëjumkom.

Tïkai ai heneta kake pïla mëklë tïwetepujau tïpeinom hua ëtïpalë enelïhtao ëhema ailë ïkïlih tïkai ijekom emjao lëkem mëlë ïkïlikom makala tïkai hemele tïpuhe okomë já mam tëtakilimai ijekom tïtonton mai tïwetepu jaklëken tïkïlïkom tïkai tïtïlïlïn kai tot tïtëi molona ënïkpena pona awaleimë lëlët sah palale pata sah palu pata sah ahnep pata sah napi pata tïkai tëpïhamo tïtïpkai tëne ëpëionon jum ehema awaleimë tïkai tolati sosehsehne tënane ëpeinom jum ehema wïkai ëtala sosehsehne e ëhekpok mama awaleimëja tïkai mëkja ëpëinom

emna nai apukë wama aleke tïkai malonme tapuhe tëhekpoi awaleimëja tënane ïpeinom jum ehema hemele awaleimë tïkai sia nai ïtëk hapëm lëkem sia mekupjake sai nai kaikusimë tomu ehema mëlë ëë aima mama emna apuak mama emna nanumkepjai tïkai malonme tëpëlëtse mëlë wama aletpë tuk palalap sitsitsit sinka sikaleme ê ënkapïja nai kuptëjahe mama tïkai tot tënane ïpëinom jum ehema wua ëpënuktëla tënane ïpënon jum ehema e imalipatanmak mama otï jetpëke tïkai som otï jetpëke tënane ïpeinom jum ehema ënïnena tan uhum sia sia ëhema sia ëhema mïjalëlële imalipatanmakële itïhme e tan tënane ïpeinom jum ehema ënïk mëim ëhema mësin ëhemaë aima mama akename ekalëtpï ailë nai ai mama tïkai mëkja iwetepu alïtom tïtëi tot mïja kupjak kai mïja ehema lëken tïtëi kaikusimë ehema ailë tëpënai mëkja ëtïkom tïkai ijekom okomëja tïputïhwë e ënkapïja nai kuptejai mama "wihnë nai mama kuni pakolon nuina" tïkai tïtëi pole wihnë tïh

kunumusi ulu euhnapëk lëlet helep tënei ëtïka henma mumëktëu talëna mëktëk sia oha mitak tïhe mëklë wajananpë tëwëtïhe kuliputpëime tëleken poleh hum ënïk mëhe kuni malo pa ënïk numëk ënïkïnma nai ïkohmanjai pëkëna tïkai tëleken peptapsi malëkom tëmamhe e jot ënenepïra manatëi tëi lëken ëkohmamjatëi tïkai kunumusi mëkja tëipupupkai kaikusi jã moloinë tëhalëitot woha mïtpëpëk tentelele woha peitoma makuliketëi tïkai kunumusi makala temtemtem woha takulikai e woha makulikatëu tïï kuliputpë molo “më mëhe pïnwë neha kuni”. E akulikatëk ihmo he lëkën wai ïnepïme kalïhtao tëlëi mïja tunakwatak takulikai ejahe “kuni nepïme nesi ihmo” kanëke mëklë tëlëi ipeinom tëhe mëklë ijenpï kaikusija tëlëken “mepï kalep kuni” uwahnë awap kama wïkei pitë tïkai umëhkepïla elekaptëpëk monoptao uwa epï hemele “tëpane ipitpi” sin ipïnmeme katïp welapëinom ponmitpë hualam pona tïhe ipitpï tëpïhelë tïkai lëlet tëuhnëpïkom pëk uluhtao mëkja kuliputpë pëinom mëje tot kaikui tom tëtakhe mëkja ëhepïtïhnë wïka letukone teh mulokonilu hua mëkja eluwa kom okaia tuatuapo hakene ëhepïtïhnë tot hua tïkai mëkja e mïja ikunatoponpë tom mau epï tïhe mëklë inot komoja iwehetamikatopkome ile kom mëlë malamala epï tëhatëhalëitot ëhemailë pëtï tïpanmai ejahe tïh ëhema tao u tuku u tuku “ïu tapek ëje wëne kaikusijana” tïkai tëleken hum huhum tïtëimëi pitë tot tumikëmëi tapanïka pëtï ënïk pa mëklë kuni? “taapa nïka” “untuku ïutapek ëje wëne kaikui” nïka pëtï “tëipalëme ka mala nïke” kuni tëipalëme tïkai ënekalëla petoh awainame um um um tïkai ënïk mëk? Kuni ëwok tëhëm ka mëklë tëhem anumalë tuwëtamïi kuni ëkëi ëwëjatëu tuwetkele eitëk tïkai jakinmephele tot tïtëi tokon malë moloma talë mame tïh kuleklepo um “ïutapek ëje wëne kaikui” tïkai ëmë ken tuh mëjalah ile

tïtëi tëlëken tïtëimëi tuhtuhtu “umëkëmë kuni” tapa nïka ëwok tohme pa hua nïka tapa nïka um “ïutapek ëje wëne kaikui” nïka ee kaikui toma ëjekom ëne tïkai mëklë kunumusi hemele inëlë “tuwenkelela ëkohmamjatëi kaikui otïtpë pëinom toma manatëi” tïkai tïtïn tïkaitot etpitak etpitakëla hualëpsik lëkem ikakom mëlë iwelëkukom tukusipan pëk lëlet apsikïpsik ëhmelë tïhe tomopitaptëi tïpuptëi teh maluana tïhe kama tïkai tot kai mëjela tëhatëhalëitot kumu ale pëinom pëk wapuale pëk tïhe tïnïlïkom maa kama mïka ka kuni ‘ëë tïnïkpoi mëklë kunumusi tëtïhe’ kuni ëwëtomankë emna nïlïtpï enekët “ëtïpa mïtëu” tukusipan tukusipan enekët ken pole tukusipan telen pëtukulunma itak ëmëmkë upak tïmaluanaptëi ee kujuli tapek manatëi tïkai mëklë inot kom awetaputpë tïpïmïhe kïlïtïtïk kahulume konopkë kuni tïkai momaime tawainai tïhe kaikui enï ëtïkahehku tïkai mëklë inot kom ëwëja jëla man kalïhta tïtëi uhpak tïpohnëphe titilu tom kapau jetpë tom ëtïkom tïhe talanme um tonophe inot komoja ëhnëmënë akon okaia lëken ipam kutumo akelehmatponkom mëlëpsik lëken teh mïja awëtiïhamo malë kunumusi ëtïkom tïhe awökïkom, tïtëi molona kaikusihtak ahpen maka

kunehak kuni tïkai kujuli mëklë unohenma mëklë kaikui tamu mëlëmeinë tïwakamhe tawïke tawïke kujuli tïkai ketalepak tïkai mumëhka kaikë kuwokpak kaikë kanëke towokpai ëtïh në wama apëkapok ïnïkapïme tïkai tëpëkai wama pïlasimë tïkaphe okï enïmë takïinam ënëme upak towomiptëi mëklë tokon tumëkïlihtao okaia ënïkpalë tïhe takahak munëhtom tïhe mëk hemele Kujuli katop mëklë ja lëlehne tëneimei tïjekom amohawitpë otïtpïkom omohawitpï tïtëi mïhehnë wama pëk mëklë mëklë wama pitpïhtak tïtëi inëlë inamolo hakëne tënephe tëlëi hemele am mënalëja tïhtï tïkai tën kaimëi kama tïkai namakai tëkalëi talanma wïja Kujuli tïkai mëklë kaikui tamu alïptëk takïinemke tïkai umanike hakula teh mïnkomke okïtom kasili tom takïianke tïkai kanëke tawïke talëinë kënopkëlei kënopkëlep kanëke tïtëimïi tïluetaimei tïlïm tïlïm pipip pipip kolan katïp kuu kuu kanpë lëlet kanpë mëlë lue luepsik pïkëlëhem momai luen ehet amn tïtëi mëkja kaikui tamu tom inetatpatpï tuwai mëkja kaikui ehewakenma mëkja tëwokpai tot tïtëi mëlë tïjekom amohawitpë mëkjalëja teeteetee um um um etïpena mësin tïlïn tïlïn tïkahem teeteetee um um mëjelahku kopë tumkhe halalaman mëkja pëitopït tuna he tunamna upak eihe ëwalë tupïtupïnmai mëlë iwalë tëwokïkome.

Malonme talakai tot mëkja italïtpï tïlïtponkom kaikui lëken molo ëhnëmënë kai kaikui tamu hakëne emalimatop mënke nai mëlë tao tot masike mëjelëine tumëkhe natot inëlë mëlë talimanehpoi tukusipan tëpume tïlamapoi mëlë tuna tïkunai lome tïkunai tuna tupke tëhanukhe tot tïhe tahmitkome tanuktanëhpoi kuwai me tïnehpoi tahmitkome awëlisikom tënunmai mëklë mulokonilu katop letukone hua mëkja kom man tanïmïmëi ejahe tuna ëtajemetïhwë hua, maa wantë tëtawohanëmai mëkja ikunatop ïlïtponkom ikunahpot ponkom tëtawohanëmai katï wapotopna ulumna hua mëklë tïpam tëpoi enïkpenaja wïlïlïpija paluluhtao palu epï ïwalë makotoptë ëtïkela ilëmëpïla tunake malë palu ale tënhemïhtao mëklë wïlïlïpi hahaha

tïkai tupihe mëlëhtao wanma tëwaktaimëi wëlïi ewakta katïp tïtëimëi ukukhe tëwïlïhamo kom natot wanma ëhenela koloh kai ihmatatpï pana mëlë kom tïtolopamhe inëlë tomne tïtalalatai tom tamne uwa molana lëken ïnïpanan maimë nai mëlë tëtajëmëi tuna tëtaohanomaitot sisijak totï kom tïhe totïkom mehkulëken ëtïepïtamneken ulumna wapotomna molonme tïhe pilisi kunumusi ekïme mëklë upijëmëtohme tïheneimëi malonme tolopïnme tïtëtïtëi tehenemëi mëklë kunumusija pëlë pëlëtapek wajan me tëtïlïmei malonme tatïkai ëë ënï tïhe kunumusija tïmapëlë tïhe ka apeitohme mapë mëlë alakupi ïhem mëlë opi apëitohme tïhe teh tïkaphe pililikme mëk tuk tuk tïkahem tïhe piokoko ënipananmala upaphak esike tïhe hemele tïkaphe: kalau mëlë kan man tëkalëi hemele ënek mëklë kunumusija tïtëi hemele inamolo eh mëtawohanïmtëuka aikom tëtuktatën tïkai tukukhe tot mëkja ëta tïkai ulu ulu ekejuluhtao amnai kukom pitë ekejai tïkai manale inepta tïkai ukukukam tïh okomë telen okomë ee okomë tapek mëklë manale tïkai inepta sinkom akuenpï ijoptohme tïkai tïtëi hum ëkëjuimë telen ëkëjuimë ëkëjuimë tapek mëklë ëtïpena tïnkïi tïkai mëklë kunumusija tot tukukhe hua katohme më nëhemëhneja mëkja ee okaia tom teh molana lëkem pitë nai wahe ee mëlë katip lëkem.

fazer e pintar os artefatos cerâmicos

A CONFECÇÃO DE ARTEFATOS EM ARGILA

Cadeia produtiva de uma vaso *kalipo/tumeri*

A confecção de objetos de argila constitui uma verdadeira arte para as mulheres wayana e aparai. Os conhecimentos e habilidades técnicas de uma pessoa estão relacionadas, para os Wayana, com os olhos e as mãos. Segundo esse pensamento, os olhos vão guiar os gestos que permitem a confecção dos artefatos, entre os quais aqueles que são feitos de argila. As mãos asseguram que os conhecimentos não se percam e, para isto, uma ceramista deve passar os dedos nos contornos de uma vasilha para guardar a sua forma e aspecto. O tato possui um importante papel na confecção de artefatos de argila, tanto para que a ceramista possa verificar que uma superfície está bem lisa, ou ao contrário, ainda rugosa, e também para testar se a forma dos recipientes está bem arredondada.

Abordando aspectos propriamente técnicos, a categoria artesanal da cerâmica é designada em wayana pelo termo *ëliwë* e na língua aparai por *orino*, expressões que identificam a matéria-prima de confecção, a argila. Outra classificação se apoia nas palavras *kalipo/tumeri* que nomeiam uma vasilha específica, decorada, e que é feita tanto pelos Wayana como pelos Aparai. Este recipiente, por ser o mais significativo e valorizado dos artefatos de argila também designa os componentes dessa categoria em sua totalidade.

As mulheres wayana e aparai produzem tradicionalmente dois conjuntos de artefatos cerâmicos. Um é representado pelos vasilhames de uso cotidiano no espaço doméstico das cozinhas. Estes objetos permitem confeccionar beijus de mandioca, mingaus, cozer carnes, provenientes de caçadas e de pescarias e são referidos genericamente como *tumainë*/*oripo*. Contudo, este termo designa de modo específico um tipo de recipiente para a preparação de caldos com migalhas de carne ou peixe, e é considerado como o mais importante dos utensílios domésticos confeccionados com argila. Os vasilhames de uso cotidiano são providos, quando novos, de um revestimento avermelhado que é um impermeabilizante protetor.

A outra categoria compreende os objetos cerâmicos destinados a serem empregados em contexto ritual. Possuem decoração de cores variadas, sendo denominados genericamente como *kalipo*/*tumeri*, um termo que identifica também um recipiente muito valorizado, como mencionado. Nos momentos em que são celebrados os rituais, os recipientes de argila permitem conservar e ofertar bebidas fermentadas à base de mandioca brava, algumas vezes misturadas a diversos tipos de batata, de beiju ou de frutas, tais como banana e abacaxi e legumes como abóbora e cará.

Polimento de um vasilhame com o emprego de um seixo *mele/mere*

A técnica que permite a confecção dos artefatos de argila é referida como *tïkaphë/tapuhse*, palavras que também designam as técnicas da cestaria e da tecelagem de trama fechada. O termo é o mesmo porque, para os Wayana e Aparai, essas técnicas exigem o emprego das duas mãos, as quais executam, a maior parte do tempo, os mesmos movimentos para produzir um artefato. Por usarem as duas mãos, o trabalho de produção de uma vasilha, de um cesto ou de uma rede é reconhecido como sendo dobrado. Outras técnicas de manufatura exercitam as mãos de maneira diferenciada, e assim na preparação de um banco apenas a mão direita trabalha, enquanto a esquerda tão somente segura o pedaço de madeira.

A confecção da cerâmica inicia com a coleta da argila apropriada. Nos meses de seca, no auge do verão, em grupos, ou apenas acompanhadas dos maridos, as mulheres recolhem a argila nos igarapés Eparé, Tyaritakemy, Epare, Pãmo, Ximarikuru e Tapekuru, afluentes do alto e do médio rio Paru de Leste. Outros sítios estão localizados no rio Citaré e seu afluente do alto curso, o igarapé Kuliwelui. Nos locais de coleta são confeccionadas grandes bolas de argila, ligeiramente alongadas. Essas bolotas são enroladas em folhas de sororoca e depositadas no cesto cargueiro de cipó ou num cesto de folhas de açaí ou bacaba, confeccionado especialmente para este transporte.

As mulheres que extraem a argila devem estar em jejum, não podem falar alto ou gemerem. A coleta dessa matéria-prima é proibida às mulheres que estão menstruadas, grávidas ou com filhos recém-nascidos, proibições que são sempre respeitadas por causa dos efeitos indesejados que provocam. O principal perigo é o aumento do volume do vasilhame produzido que geralmente se quebra ao ser queimado, o que nenhuma ceramista deseja.

Na aldeia, a argila é acondicionada em espatas de palmeira ou deixada no cesto cargueiro. Caso seja empregada em seguida é colocada num lugar sombreado, sendo umedecida repetidamente com água, evitando-se assim o seu ressecamento. A argila, quando ressecada, deve ser esmigalhada com um pau, peneirada, molhada e amassada vigorosamente para poder ser utilizada.

Para confeccionar vasilhas, a ceramista instala-se no terreiro próximo à sua moradia ou então em um abrigo construído especialmente para esse fim. A sua atividade tem início no período que precede a primeira refeição do dia, pois ela deve estar em completo jejum alimentar para que o objeto não se quebre ao secar. O primeiro cuidado é cercar-se do material necessário: argila, cuias com água, desbastadores e polidores, um suporte feito de madeira ou de um trançado desgastado, como um abano. Em seguida, separa duas bolas de argila ressecada, hidrata-as, misturando a pasta e retirando pequeninas pedras e fragmentos de madeira e outras impurezas. As ceramistas wayana e aparai não adicionam nenhum tipo de antiplástico à argila, pois uma grande quantidade de elementos que possuem essa função, como mica e grãos de quartzo, já estão naturalmente presentes nesta matéria-prima, permitindo que seja trabalhada.

A confecção de um artefato de argila tem início com a produção de um rolete que é disposto em caracol sobre um suporte, sendo em seguida achatado com as mãos, compondo a base do objeto. Utilizando a técnica do acordelado, a ceramista dispõe sobre esta base roletes mais finos, produzidos à medida que se fazem necessários. Os roletes sobrepostos são comprimidos com os dedos e alisados interna e externamente com um raspador feito de cuia, constantemente molhado em água. O contorno das panelas é concretizado colocando-se os roletes na parte externa, mas para a confecção da borda ou do gargalo estes são dispostos internamente.

Quando o artefato alcança o tamanho desejado é esfregado com um sabugo de milho na parte interna e externa para adquirir seu formato definitivo. A borda é alisada separadamente com um fragmento do fungo orelha-de-pau, muito umedecido em água. Em seguida, o artefato é posto a secar na sombra, no chão ou em um jirau, na cozinha ou no abrigo. A secagem dura geralmente 3 ou 4 dias. No final desse período, o objeto de argila é esfregado com um seixo rolado para dar o acabamento final.

Caso o vasilhame rache durante a secagem, ele é imediatamente esmigalhado, molhado e amassado para que essa matéria-prima possa ser novamente utilizada. Após a secagem, certos tipos de vasos de argila são revestidos externamente com uma tintura branca, à base de caulim que ao secar é esfregada com um seixo, preparando a vasilha para a queima, o que compreende duas etapas.

A primeira etapa consiste em aproximar o artefato do fogo doméstico – o mesmo que cozinha os alimentos – durante dois dias, para reduzir as possibilidades de quebra por ocasião da queima definitiva. A queima propriamente dita é feita na orla da aldeia, em um lugar pouco transitado. As peças cerâmicas são em sua maioria queimadas individualmente e para evitar o enegrecimento interno, cada vasilha é colocada emborcada sobre um suporte. Em seguida é envolvida com fragmentos das cascas de certas árvores, como a envieira, colocados verticalmente, mas com uma abertura na parte superior, na qual são colocadas as brasas que irão queimar as cascas.

As tarefas relacionadas com a queima são proibidas às mulheres que estão de resguardo, grávidas ou então menstruadas. As que procedem à queimação não podem se banhar, comer, beber e falar alto. Os animais domésticos devem ser afastados, pois um ambiente silencioso favorece uma boa queima, evitando que os artefatos se quebrem, cuidados que são redobrados quando se trata do torrador de beiju. Quando os artefatos esfriam, de acordo com o caso, são pintados com pigmentos minerais, cobertos com um verniz vegetal. Os utensílios de cozinha são inteiramente revestidos com um líquido impermeabilizante, de origem vegetal, misturado ao urucu, o que dá a estes vasilhames uma coloração avermelhada.

Acomodando lenha ao redor de um vasilhame para sua queima

Otoko orino esary nae?

Orino nae mana tuna ehpio, ituhtao iporiry kuao.

Otoko orino esary nae?

Orino esary nae mana. Topokuru kuao kurumu topuru muae. Paru kuao roropa pata Kurumurihpã muaem ahmõta pamo ranao te, pata apalai muae roropa tyaritake po onahtao te Maxipurimo pata etonie roropa iporiry pumari kuao.

Otoko orino nae, tuna ehpio nae itutao?

Morararo orino nae mana, tuna ehpio ituhtao ynara.

Otara tao Aparai orino poko ytõko nae?

Morararo orino oũko Apalai tomo, eina rokene tuna tãpaise ahtao.

Onoky orino oũko nae? Orutua nõhpo?

Orino ounanomo nohpo tuarohxo exikety, orutua roropa tuaro exikety rokene.

Otara orino kurakãko?

Morararo orino kurãkãko nohpo tõ mana karana aka moromeĩpo tapyitaka tyrĩko toh mana.

Otara orino rĩko exino nae apuhtohto?

Morararo osemazuhme orino akykãko nohpo tõ mana moromeĩpo tunake ehxikako ipurihmatohme.

Tuna ke oxinãko?

Orino ehxikãko nohpo tõ mana tuna ke tũpore pyra aehtohme ipurihmaryhtao.

Otyke orino zoximãko exino nae?

Orino otoximara mana imepỹke, apuhtohme.

Nae na orino ritopo?

Orino apuhtoh nae eyaroro, itapyĩ roropa tomeseke se exiryke te poehtohti kuikatoh pokoino, nohpo munumato pokoino te orutua poeto zũ pokoino, ãtakuhmoryse pyra exiryke.

Ëtala ëliwë apëitop?

Akename tïtëi kanawa ailë akëlephak esikë ëliwë kai, moloinë tumëkëi ëutë nak aptau tëlëi ëliwë pakolontak tïhulepsi tïnïkhe aptau tïpupse hemele lome upak enepëtpë aptau topoi, tëjophe, tëukumai tunake hua.

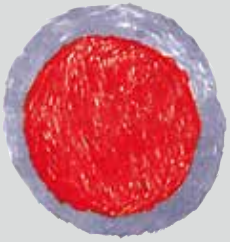
Ëitëne ëliwë?

Ëliwë pata ehet man ëtïpenapo tëpukulupote, kuliweluipo te, pamëpo te, opalepo hua lëkem man ëliwë pata tom ehet.

Ënïk ëliwë apëhja?

Ëliwë pëk mëntëja wëlïi eluwa malë, eluwa mëntëja wëlïi alëi ëliwë enephe ëliwë pata pona. Malalë wëlïi ëliwë awe ekuwa mënakëlhme ëliwë awa pëk.

Masike ëliwë awaheinë aptao mënmëkenëja tot ëutëna malalë man tot ënenepola tïwelënkommoja injatatomoja tïmïlamoja malë tïpijutpë tomo ja huan mënke toto tïmïlamoja tïpijut pë tomo ja ahpan me hapom umëkïla eitët pitë sai jeli mihmometëi mënke tot. Malalë mënëtupoja tot upaklë wëlïi hamoja tïmïlela kalep ka manatëu mënke inamolo tëwepolepkai mëi tëwaptaohe autëna mëlë moijatot wajana tom.



Ëtala ëliwë nëtïja?

Ëliwë mënëtïja akename tunake tëukumai moloinë tïpulanmai ëmoke. Moloine tïkaphe tuma enïme ulu ekeitohme kalipo me. Mamalë man ïnjatatom ïtëla ëliwë puhtop pona malalë man kunumuxi tom ënenepola tïwëlënkomoja injatatomoja malë tïmïlamojahnë ënenepola malalëman ëliwë tïputsen ënenepola man tot tïwëlënkomoja.

Ëliwë tïputsem ïtohman upaphak malalë man kama tïkai aptao ëliwë tïputsem mëne waja tïkapïtponlë mënewaja wapot awa pitpëke moloine tënophe apulukunke anopheinë taklamai kawëna. Lome ise aptao mënëhkenanpe tuma enï aptao tëhem jetohme, ulu ekeitop aptao mëlëlëme mëlëlëme oha.

Ëitë ëliwë ïtop?

Ëliwë mënëtïja akëlephak kepsi ëutëpëk malalë man ipakolon melë tïlïtpë tao lëkem mënëtïja ëliwë, malalë man wëlïham tïmëlamo pïkëinë te, mulejum tom pëkëinë te, pëitopït tom pëkëinë.

Ënïk ëliwë ïja? (eluwa, wëlïi, pëitopït?)

Wëlïi lëkem ëliwë ïja. Malalë tïmïlem man ëliwë ënïlïla, munoman mëlëlëmë ëliwë ënïlïla.

Malalë waluhma tom tëhepahamo mënïja kunumuxi tom malë.

Eluwa man ëliwë tïputsem ënïlïla tïti enei malë ïtëla man tot injatatom tïmïlamo tïpijutpë huan.

Ëtala ëliwë ïtop?

Ëliwë mënëtïja tëukumai tunake apulanmatohme moloinë tïmelemai tïkaptohme tuma enïme kalipome, ohame, ëlinatme, tïpïmkeme, kïjawëkman, mukusime huan. Moloinë kama tïkai ipuhtop aptau etpi piupiuke tïwëkai pëtuku eitohme. Malalë kama tïkai aptau akïptop lëken tëlaimai apëjukatohme awa pitpëke, palialai pitpëke, alakpipaju pitpëke huan. Ëkëmna tïkemeptëi iwëhewatohme. Moloine apulukum pikai mëntëja kunumuxi mankon waluhma mankom huan.

Moloinë apulukum tïwïkai tëuhkaï ëlinat pona ahpatohme. Moloinë ahpakepheinë aptau molo pitë mënakïpja, ekëmna anïm tohme ahmiptëmalë huan lëken.

Ëtala nëhkenanpe ëliwë kaphem tuna ënï?

Tuma enë man ipok tëhem jetohme, malalë man hautumna mënëtïjeja tëhamo tom tuma enï jau tïjetpë tom. Malalë man ëlinat ipok ulu ekeitohme, kuakë tom aitohme hua lëken.

Tapsik ipokankom (isaponkom, tïwëlënkom) ëliwë kaphem tuna ënï?

Oha, kïjawëkman, tumaenï, kalipo, ëlinat, kalimata, tïpïmkem, mukusi, potakilili, kalapa enï, upotakinan, aliweuman.

Tëna nëhpetukwe ëliwë kaphem?

Wapot pakolontau, malalë ahmit me wewe ïhem, pëpë ïhem ëliwë tom kaphamo ahmitme. Malalë tëmotontoloi tëhe ëliwë tom ïhamo, tuma ënë tom.

A PINTURA E A PINTURA DOS ARTEFATOS CERÂMICOS

Tintas minerais empregadas na pintura de objetos cerâmicos

Os Wayana e os Aparai empregam as palavras *anontop/zonohtopo* para designar a técnica da pintura, a qual é aplicada ao corpo humano e também a alguns artefatos, tais como os que são confeccionados com argila. A pintura compreende um processo que transforma os corpos e os objetos, porque estes ficam marcados, identificados e embelezados.

O resultado da aplicação da técnica da pintura pode ser uniforme ou então formar desenhos ou grafismos que se destacam, justamente, através da cor com que são traçados. A pintura corporal emprega tradicionalmente dois tipos de tintas de base vegetal: o vermelho do urucu e o negro do jenipapo. Os artefatos podem ser pintados tanto com tinturas vegetais, como minerais e apresentar, como é o caso dos artefatos cerâmicos, outras colorações.

A palavra grafismo é identificada nas línguas indígenas como *imilikut/imenuru*, termos que possuem muitos significados: desenho, grafismo, padrão, mancha, marca, sinal. De um modo geral designam um desenho específico, mas, ao mesmo tempo, remetem a um sentido mais amplo. Portanto, fazem referência à decoração de

uma serpente descomunal – *Tulupele*/*Turupere* – e ao conjunto de sua pintura corporal, a qual constitui uma criação que é própria e permanente deste ser. Os Wayana e Aparai viram e copiaram os desenhos da pele desta serpente no tempo dos antigos, fato que é descrito em uma conhecida narrativa mítica, reproduzida nas aldeias pelas pessoas mais velhas.

Pintado no corpo ou em um objeto, cada grafismo permite expressar e representar seres diferenciados: serpentes, onças, lagartas, aves, macacos e outros, e que vivem em diferentes espaços e domínios do mundo dos Wayana e dos Aparai. Os traços que definem os desenhos destacam as características principais de cada um desses seres, o vai permitir a sua identificação. Observando-se os desenhos sobre os artefatos percebemos que os seres representados podem estar reproduzidos de forma parcial ou integral, ou seja, há duas possibilidades para serem reconhecidos e identificados: em uma delas apenas uma parcela do corpo é apresentada, mas na outra encontramos a sua reprodução completa.

Há padrões gráficos que são comuns à pintura corporal e a todos os artefatos, tanto os de confecção masculina como feminina, e um deles é o *maipuli asikë*/*maxipurimo ãxikere*, cuja tradução é "redemoinho do traseiro da anta". Entretanto, outros grafismos são exclusivos de certos artefatos como os das vasilhas de cerâmica, porque indicações técnicas e simbólicas impedem a sua reprodução em outros tipos de objetos.

As mulheres Wayana e Aparai possuem muitos grafismos para as vasilhas de argila e assim foram identificados vinte e nove. Uns são complicados de serem executados com é o caso de *alimi atapusi*/*ururuata poimary* que significa "macaco enganchado na árvore" e de *palika ëtukukpë*/*pakira atuhtopõpyry,* "marcas do focinho do porco caititu". Outros grafismos são mais simples, entre os quais, *kwa kwa*/*kwara kwara* que reproduz a forma de uma "perereca".

Os corantes empregados pelas ceramistas são exclusivamente minerais, encontrados nos igarapés Hawahawa, Kalaunaman, Nampalinaman, Rikorikomy, Nukohi e Kalapaeuku, entre outros afluentes do rio Paru de Leste. Essa matéria-prima é recolhida e pode ser moldada em bastão. Para a produção de tinta, os fragmentos minerais ou bastões são ralados em uma pedra chata e áspera, adicionando-se um pouco de água. As tintas produzidas compreendem as cores branco, ocre, cinza escuro, castanho avermelhado.

Para as pinturas, os instrumentos empregados são variados, rígidos ou flexíveis. Uns são denominados de *itiktikmatop/itikyrotopo* e são formados por finos talos de palmeiras e pontas de algodão. Os que são designados como *umhetpë/usehpo*, compreendem pequenas bolas de argila que prendem um chumaço do cabelo da própria ceramista e assim são flexíveis. Estes pincéis de cabelo permitem fazer traços extremamente finos e se destinam a pintar os vasos de cerâmica e a roda-de-teto da casa cerimonial, a *maluwana/maruwana*.

Os pincéis são percebidos como elementos dotados de qualidades especiais porque permitem elaborar os grafismos e, assim são também chamados de *imiliktop/imerotopo*. Devido a este fato, são compreendidos como possuidores de uma característica que é aproximada a uma "forma de conhecimento", pois permite a esses instrumentos a execução dos desenhos. Os "saberes" dos pincéis não são, entretanto, indiferenciados e, assim, os de talo de palmeira "conhecem" apenas a decoração das grandes onças que é reproduzida através de pequenos pontos. Os pincéis flexíveis de cabelo, por sua vez, "sabem" reproduzir, através de um tracejado fino e acurado, as variadas pinturas corporais da serpente sobrenatural *Tulupele/Turupere*.

A pintura dos grafismos é executada com os pincéis de cabelo no interior do vasilhame cerâmico. São aplicadas sobre uma base de coloração ocre ou castanho-avermelhado, anteriormente espalhada com um chumaço de algodão nativo. O pincel de nervura com ponta de algodão permite o preenchimento dos campos vazios, com desenhos pontilhados, uma tarefa das filhas adolescentes da ceramista, visando o seu ensinamento. Este mesmo tipo de pincel propicia as possíveis correções do traçado dos grafismos. Uma pintura pronta, mas considerada feia ou incorreta pode ser suprimida lavando-se com água a superfície do vaso, o qual é repintado depois de seco.

A fase final da confecção das vasilhas cerâmicas de uso ritual compreende a aplicação, sobre a superfície interna do vaso, de um verniz protetor feito com a seiva da jutaicica, *mëpuk/mapuku*, para impedir o desprendimento das tintas. Essa atividade requer jejum alimentar absoluto por parte da ceramista, para que o resultado seja satisfatório, isto é, para que o verniz se torne tão transparente como água. Para a aplicação do verniz, o artefato deve estar aquecido para permitir que o bastão de jutaicica deslize sobre a superfície, recobrindo-a uniformemente. Para este fim é apoiado sobre uma panela velha, contendo brasas.

Vaso emborcado apresentado padrão *tëwupkai/iwynatopo*

A fase final da confecção das vasilhas cerâmicas para uso cotidiano compreende a sua pintura interna e externa com um impermeabilizante para que possam ser empregadas. Este impermeabilizante é produzido a partir de um vegetal, o ingá do mato – *aputlukum/apurukuni* – cuja entrecasca é colhida e raspada e o sumo obtido misturado com um pouco d'água e, quase sempre, com urucu, adquirindo assim uma cor avermelhada. Essa tintura é passada com os dedos, podendo ser arranhada com as unhas para fazer alguns tipos de grafismos. Os padrões produzidos com essa técnica são denominados de *tëwupkai/iwynatopo* e são altamente valorizados pelos Wayana e Aparai, porque permitem visualizar, na superfície dos vasilhames, os desenhos que, com suas garras, os animais predadores, tais como onças e outros felinos, fazem nos troncos das árvores.

PIUPIU

Sero mana kure orino apukupyry ritohme Pesapesa.

KASANA

Sero kasana ma kure mana tyrirytaõ itykako mame itykaxipo irakako mame rahkene mame anõko apotopona, tatanose ahtao roke ikurikako nakuaka mame ikurikaxipo xixiaka tyriko rahkene mame kure typokehse ahtao rahke zao eukuru enoko rakene.

SASA / ITĨKIROTOPO

Maripa pory sero sasa orino tikirotohme tyrisemy morararo tyriryhtao axikãko ma exino, mame mauruke ipotyry riko totykase ahtao itikiroko rahkene.

KANAWAIMO

Sero kanawaimo kure mana kanawa me.

MOPUKU

Sero mopuku ma kure tonahseme ma kure, morararo ma epukuru ma kure orino ritohme morararo ma kurimaõ enahnõko mana.

PARIARAI

Sero pariarai kurema apotopokome mame irakako ma exino wywy ke mame tyrakase ahtao enehnoko rakene topyiraka morararo ma ipipyry ma kure orino zakatohme.

KUEPI

Sero kuepi ma kure apotopokome morararo ma kure orino zahkatohme.

PARA

Sero para kure mana apotopoko me, mame ipihpyry ma kure orino zakatome.

PEZAPEZA

Kasana mytyhpyry tumeri riryhtao apitotohme, zure tohme, iwynatohme atykyry pona.

KUMERE

Sero kumere orino merehtopo serehme ehtohme, tanoryse, pohto ahtao zonohtohto zonõ kure ehtohme.

Morararo kumere nakuao roke oseneko, tuna tapaise ahtao ãpaihpyrypo. Topu po nae isawã po roropa ynara.

ÕSEHPO APUHSEMY ORINO KE

Sero õsehpo apuhsemy orino menuru ritopo sero. Sero ahno zõsety orino rine zusety.

MARIPA

Sasame maripa pory taxikasemy sero mauru pixo maro. Orino menuru tikirotohme.

KUEPI

Kuepi kure mana apoto pokõme, orino zahkatohme roropa kuremã ipihpyry. Morararo mã kuepi ituhtao.

KANAWAIMO/ ARAKAPURI

Kanawame exiko tapyi tararame roropa kuremana morararo ma orino zahkatohmemo epupiry exĩko.

ËLIWË EKALETOP – UMALEH, PËLË

E huan lëlet nehemëhneja ëtïpalë he sike ëlimak oha kalipo tïpënkamo kïjawëkpam tom mëlïkom ëhewantë panëk tala tïpohnophe mëlë hëlë tïkai pïjai mëlë tïkai tanme ëtïkela mëlë katïp sialonme mënehemëhneja tïkamnanom aptao mëlëkom tïhe hua tupime tïweihamo ïkeha lome tënei esike wai tïpoinëpëmëï ikatïp wëlïhamoja ipëkënkomo ja tëhepai ëhepahe tïweihamo helëkom pëk nehemëhneja lëlet mëlë ipëk lïken tïtëi tënei mëlekom tïnephe ëtïpalë ïtohme tëpïhamo ïtohme tëpïhamo enïme tumaenïme enmaptëtohme akintala tïhe esike.

Maa, manaitoma tïpïsiptëi nai toma tupoi lelëlep tïkai lome hua ëhewantë panëk tïlïhe inëlë tëlikhem lome tuupoilë mïhen mëklëja munomela kalep man tïkai uwa tïkai malë tïmïlela kalep ma tïkai uwa tïkai kahek tïkailëlelep: tëmënhe mïja awalïhtao tïwëtkai tëtuhmoi epona hua tïpïsiptëi mëlë mëlëmeinë malalë nai toma tuhe mïjanmeman tïkai talëinë nai ëwakintei tïkai helë tïtoptonom tëkalei tïpoinëpëmei mëlëkom mëlë ïlïlïhtao mala tïkë tïkai ihmato talanme wepësiptë kohek tïkai mëlë "ïpeitome walë tïkai mëjelonme" tïkai tïtoptonom tïpohnophe "ëwakintei tïkai tïtohpëk milanmei mipujai makïmanohpojai mimelehmei tïkai sin tïtoptonom ëtïpalëtom ehnai putpë tom tëheptëi piupiu mëlë imelematop akïptïhwë aptao pëtuku tïhe tëklepehe tïtohme tïkamnanom aptao mëlëkom tïheptëi ëmelë tïtoptonom mëlë katïp nai mëtïlï tïkai" mëklë ihmato ewatoptonom aptao takïphe aptao mewa jai ëtïpalë pitpë tom tëheptëi wewe pitpë tom tïtoptonom ewatop teh aputoptonom teh malalë tëpïhamo enï aptao pëtulan aptao kalipo tïmilikhe awï tapulukumtëi awï teh malalë tuna opkatoptom aptao ëtï mëlë ïwalë tïpïmkem katop tuna opkatop katop ipïmïpëk tïmïlikhe mëlëkom tuma enï tëhem jetop tëwahehlelëkem talanme moloinë tapulukumtëi moloinë taklitse hemele tëhem jetohme huan ëtïkela a mïlïla pëtuku tëwahe esike tëhem tïjei sin kom ëmele kasilikononto tïhe malë tïmeheke lëkem malalë anuhna tulun katëla lomona tëtankai mïnke Waiana malë ëlinatme kumu kalana upak aptao mëlë katïp lëkën.

a cerâmica e as atividades de valorização

Desenho de grafismo de cestaria (mekuomẽ – m

A arte de produzir vasos de argila pintados está em constante questionamento pelos Wayana e Apalai e é tema, entre as mulheres, de muitas conversas e de algumas ações efetivas. Variados fatores contribuíram para a presente situação, tais como a contínua visita aos centros urbanos onde os Wayana e Aparai podem se abastecer constantemente de panelas e vasilhames de alumínio e plástico que são consideradas apropriadas porque não quebram e porque não aquecem demasiadamente. Por outro lado, o declínio de certos hábitos alimentares, como o emprego da banha de macaco coatá, acondicionada em um recipiente cerâmico específico, denominado *mukusi*/*mukuxi*, acarretou o abandono de sua confecção.

As dificuldades de acesso ao território em que os Wayana e Aparai habitam, constitui um fator que impede a estruturação do comércio dos artefatos de argila, o que permitiria vivificar e perenizar esta arte. Ademais, o fato dos recipientes cerâmicos chegarem geralmente quebrados e lascados ao seu destino, contribuiu para que a produção destinada à comercialização fosse aos poucos sendo desestimulada. Enfim, mas não menos importante, durante longo tempo os rituais de flautas e máscaras foram abandonados, em grande parte devido à ação dos missionários evangélicos. Foram retomados em 2012 e, muito embora as bebidas fermentadas fossem oferecidas em grandes quantidades, os artefatos cerâmicos não se fizeram presentes.

Contudo, nesta mesma ocasião solene, vários depoimentos indicaram que muitas mulheres estavam tristes pelo abandono do uso dos vasilhames de cerâmica. Uma moradora da aldeia de Kurupohpano argumentou que um "vaso bem pintado é bonito de se ver e é muito importante e necessário nas festas. Nas festas, quando as pessoas dançam, devem beber em vasos pintados e o chefe da festa deve ter uma vasilha especial".

É importante mencionar que na atualidade várias opções estratégicas delineiam a conduta dos povos indígenas, o que depende muito da estabilidade social, territorial e ambiental. Entre os Wayana e Aparai não é diferente, e a produção de artefatos de argila pode vir a ser alterada, reforçada, construída, acarretando situações em que vai adquirir outros sentidos, internos e externos. Uma estratégia que adotaram recentemente busca garantir o repasse dos conhecimentos das ceramistas experientes a um grupo mais amplo de jovens, extrapolando o contexto da aldeia e das relações familiares. Surgiram então demandas de atividades, entre as quais a realização de oficinas destinadas a transmissão oral e prática de tais saberes.

Oficina de saberes

As oficinas de valorização e gestão dos conhecimentos dos Wayana e Aparai tiveram início em 2005 no quadro do "*Programa de Valorização Cultural do Tumucumaque Leste*" desenvolvido pelo Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena e financiado pela Petrobrás Cultural e Embaixada da Noruega. A partir de 2009, outras oficinas de gestão dos saberes foram realizadas através do Projeto "*Tëhamo, tëpïhamo: Alimentação, saberes e fazeres associados entre os Wayana e Aparai*" no quadro do PROGDOC – *Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas*, estruturado e conduzido pelo Museu do Índio – FUNAI.

As atividades efetivadas neste último programa consistiram basicamente na apresentação e explicação de temas voltados para a compreensão, a produção e a aplicação de um inventário de saberes dos Wayana e Aparai, pelos pesquisadores indígenas. As principais temáticas abordadas foram: caça, pesca, coleta, agricultura e a produção de beiju e bebidas fermentadas. A produção de objetos artesanais, associados a esta temática, incluiu levantamentos sobre a cestaria, a cerâmica e os apetrechos de pesca.

As oficinas despertaram grande interesse e uma participação ativa dos jovens na elaboração de textos escritos e de desenhos, e se expandiu para a documentação fotográfica e os registros audiovisuais. Esse conjunto documental resultou na publicação de dois livros e um informativo: "Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai. Wayana anon milikut pampila – Aparai zonony imenurupapeh" (2010) e "Tukusipan Wetkatop – Porohtoh Ekyhpymatopo: Um ritual de flautas ocorrido na aldeia Suisuimënë, Terra Indígena Rio Paru D'Este" (2014), ambos foram editados pelo Museu do Índio. Uma terceira publicação, "O livro do Arumã - Wama Pampila, Aruma Papeh" (2014) foi editado pelo Iepé.

Mais recentemente, a Associação dos Povos Indígenas Wayana e Aparai (APIWA), em parceria com o Iepé, vêm desenvolvendo oficinas específicas sobre cerâmica. Essas atividades são realizadas através do projeto "*Tumeri: Conhecimento Ceramista das Mulheres Aparai e Wajana*", submetido ao edital "Prêmio de Culturas Indígenas", e contemplado na edição "Raoni Metuktire" de 2014.

A apresentação e execução deste projeto representa um importante passo na autonomia dos Wayana e Aparai. Deve ser ressaltado que se trata de uma iniciativa da própria APIWA que, articulando-se às comunidades indígenas e às instituições parceiras, concretiza oficinas

Oficina de pesquisa e documentação de saberes sobre cerâmica

que objetivam promover oportunidades para o desenvolvimento e o repasse de conhecimentos relacionados com a técnica artesanal de cerâmica, tal como é praticada entre os Wayana e Aparai.

A partir de 2015 essas ações de valorização cultural foram internalizadas no Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) das Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru D'Este. Neste contexto, o vigente projeto, financiado pelo Fundo Amazônia (*Projeto "Floresta em pé: Bem-viver sustentável"*), possibilitou a revisão, ampliação e publicação deste presente livro.

O presente livro é fruto das atividades efetivadas em todas essas oficinas de cerâmica, nas quais os esforços de todos confluíram para que fossem exitosas. A vontade e o interesse dominante dos participantes objetivava reforçar o atual movimento de valorização e de renovação do interesse pelo ofício de ceramista entre as mulheres wayana e aparai. Esperamos que este livro, dedicado primeiramente aos Wayana e Aparai, contribua para seus objetivos e que também seja bonito de se ver e bom de se ler.

tipos de recipientes cerâmicos

I – *KALIPO/TUMERI*

Estes termos em wayana e aparai correspondem ao nome genérico aplicado aos vasilhames que possuem pinturas com tintas minerais. Feitas com pincéis, formam grafismos que são recobertos com verniz vegetal. Essa categoria de vasilhas é exclusivamente de uso ritual.

Ëhenematop/osenematopo – panela, taça-tigela

Trata-se do nome genérico para pequenos vasilhames empregados no preparo e distribuição de líquidos e alimentos aos jovens que estão de resguardo ritual. Copiam outros vasilhames, sobretudo o *kalipo/tumeri* e o *kalapiman/kasanamano.*

Kalapiman/kurara – taça-tigela

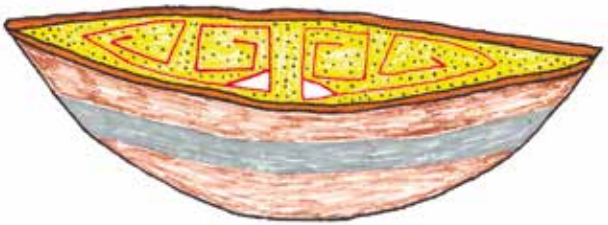
Para oferecimento de bebidas fermentadas, em contexto ritual. O convidado toma a taça-tigela das mãos do ofertante e a leva aos lábios, sorvendo toda a bebida e depois a devolve para quem a ofereceu.

Kalimata/kasanamano – bilha compósita (jarro)

Usada em contexto ritual, acondiciona bebidas fermentadas, servidas com pequenas cuias.

Kalipo/tumeri – panela vasiforme

Este é o mais representativo dos recipientes de cerâmica pintados. É utilizado para o oferecimento de bebidas fermentadas. Em sequência, os convidados bebem enquanto o ofertante segura a taça-tigela com as mãos. Esse vasilhame é de uso exclusivo do "dono da festa" e é empregado em um contexto ritual específico: a roda



masculina instalada dentro da casa cerimonial *tukusipan/porohtopo.* Este vasilhame também pode ser utilizado para ofertar bebidas fermentadas no pagamento dos trabalhos em mutirão, na construção da casa cerimonial.

Peimiliman/peimirimano – vasilha

Em contexto ritual, serve bebidas fermentadas na roda masculina instalada no pátio central da aldeia, designado como *lamnapo/pyroropona*. A bebida é retirada com pequena cuia.

Pëtïman/utukumano – peça zoomorfa

Representa *pëtï/utuku*, uma "pomba galega" com uma panela vasiforme *kalipo/tumeri* nas costas. É colocada em longa vara que se projeta do topo da casa cerimonial. Outras duas vasilhas de mesmo tipo, arremata a cobertura desta casa. A figura representada se conecta ao mito de criação, no qual a pomba galega possui destacado papel. As vasilhas também possuem uma função técnica, porque impedem a infiltração de água da chuva pela cobertura.

Tëpïnkem/typerykemy – bilha, jarro

Em contexto cerimonial, contém bebidas fermentadas que são colocadas no *kalipo/tumeri* e oferecidas aos participantes da roda masculina, os quais estão sentados dentro da casa cerimonial. O "dono da festa" não deve jamais se servir do conteúdo desta bilha.

Tunaopkatop/tuna arykatopo – taça, tigela

Serve água por ocasião das refeições comunitárias masculinas, em contexto cerimonial como por ocasião do *tulakanëm entapikatop/katonon entaikatopo,* o que pode ser traduzido como a "refeição do viajante" e que corresponde às boas-vindas aos visitantes de outras aldeias.

II – *TUMAINË/ORIPO*

Os vasilhames dessa categoria não apresentam decoração policromada e envernizamento. Entretanto, recebem impermeabilizante de base vegetal com pigmento avermelhado. Podem apresentar grafismos produzidos com as unhas. Possuem grande detalhamento funcional.

Ëlimak/paratu – travessa, prato

Serve alimentos, tanto no cotidiano como em rituais. Pode ter pintura em listras, produzidas com caulim, sem envernizamento.

Trata-se de um artefato especificamente wayana.

Ëlinat/orinato – torrador, assador circular

Específico para a confecção de vários tipos de beijus, mas ocasionalmente é utilizado para a produção de farinha.

Ëlinat awom/orinato ainy – trempe cilíndrica

Suporta a parte central do torrador de beiju. Constitui o "pênis" deste artefato. As bordas do torrador de beijú são sustentadas por quatro panelas do tipo *tumainë/oripo* - que estão estragadas e impróprias para cozinhar.

Ëliwë kaphem/orino kahsemy – panela

Cozinha e acondiciona alimentos, sobretudo jacaré, o que está indicado em sua denominação.

Ilak akatop/irako akatopo – pote

Empregado no ritual *okomëman/okomomano*. Este pote é previamente untado internamente com um visgo ou então contem água, para o aprisionamento de formigas tocandeiras.

Kïjawëkman/kaokomano – panela vasiforme compósita

Cozinha sobretudo batatas e outras raízes como cará, ariá.

Mukusi/mukuxi – pote

Armazena a gordura derretida de macaco coatá ou de porco selvagem. Possui uma tampa de mesmo material. O bordo extrovertido permite que seja suspenso por lâminas de cipó. Pode apresentar decoração riscada, incisa.

Oha/apipa – panela vasiforme

Para o preparo de bebidas fermentadas de diferentes tipos. Enquanto estas esfriam, a panela é recoberta com uma tampa de palha trançada.

Ohamunkë/apipamunkuru – panela vasiforme

Trata-se de uma panela de mesmo aspecto que a anterior, porém de menor tamanho.

Tïmulikem/mykyhmano – panela

Para o preparo de alimentos à base de carne, tais como peixes ou caça miúda.

Tumainë/oripo – panela vasiforme

Constituia principal panela que é utilizada para o cozimento de alimentos, sobretudo carne. É empregada especificamente para recolher e ferver o sumo da mandioca brava que escorre do tipiti, produzindo o tucupí, denominado *tuma/tuma*. Trata-se de um espesso caldo, ao qual são adicionadas carnes cozidas e condimentos. Este caldo é o resultado de uma complexa aliança familiar, entre um campo masculino: carne de caça e pimentas e outro, feminino: amido, tucupi e sal.

Esse tipo de panela é confeccionado em diversos tamanhos Quando é levada em viagens recebe uma alça de sustentação *tumainë ewa/ oripo eary*, feita de lâminas de cipó.

Upotakili/upotakirikikihmano – pote de gargalo estreitado

Acondiciona gordura derretida de animais caçados, sobretudo de macacos ou então óleo de andiroba. É suspenso nas vigas das cozinhas com alças de cipó.

APIPA

Osemazuhme apipa riryhtao ipurihmãko aporo tuna maro pixo, morotoino apuhnõko rahkene ikurãkãko roropa aporo tapuhse ahtao zao ikurãkãko ĩkae roropa ikurãkãko, pezapezake te, piupiuke, ynara ikurãkãko aporo.

Morotoino imerehnõko kumereke, kure ehtome osepune emero ehtohme, imerehnõko kumereke, tuna maro.

Moromeĩpo ehpyry wyhnãko piupiuke, tuna maro. Totyhkase ahtao asarahnõko aporo tapyi tao, tasarah-se ahtao apozõkãko aporo apoto karãmy zaka tyrĩko aporo apipa rĩko morotoino ikemehtõko epupike pariarai epupiryke.

Tykemehtose ahtao jahkãko rahkene kokonipukuro ahno mynyhme toehse ahtao roropa.

Morararo tuna onẽpyra roropa jahkãryhtao:

– Ynara exiryke ehmomõko exiryke rokene totyhkase ahtao jahkary poko?

Ahtao roropa, imẽtanohpõko ahtao ahpãko apurukunike, pake emero tyrĩko rokene moro rĩko apipa aka eukuru tomo rĩko moro ao apipa ao pake ehse moro apipa kure eukuru ritohme.

Tonahsã amo ahnotohme kure ehse apipa emero rokene.

Otyro ahnõko moro ao ehse pake ahtao apipa rokene nae ehse pakatokomo moro rĩko ehse apipa apuhnõko toto eukuru ritohme tya xine.

Ynara ehse nohpo tomo pake.

ORINATO

Osemazuhme orinato riryhtao ipurihmãko aporo kure tuna maro. Morotoino ẽta pãko roropa apitu pona, aporo etapãko pupuke, totapãkehse orino ahtao.

Morotoino apitu poe, emãko nono aka ahkãpyry aka, ikurãkãtohme, pezapezake, aporo kure tyrĩko iwyh nãko roropa tuna ke, tukurãkase ahtao ehpiry wyhnãko piupiuke, tuna maro roropa kure.

Ehtohme osepune emero tyrĩko aporo moro meĩpo ikuhnõko aporo kananaru ke, tuõko aporo osepune aehto kuhtohme kure keh ahtao moroto tyrĩiko asarahtohme.

Tasarahse ahtao apozokãko apoto karãke jahkatohto aporo.

Morotoino ikemehtõko epupi ke, pariarai epupiryke.

Morararo jahkaryhtao tuna onepyra aporo ynara exiryke rokene, ehmomõko orino exiryke rokene.

Morararo ahno mynyhme tehse ahtao jahkãko kokonipukuro toehse ahtao.

Morararo ytopyra aporo ahno myaro jahkane rokene ipoko mora orinato poko?

Mame tymetase ahtao ahpãko apurukunike.

Pake emero totyhkase orinatome tyrise.

Orinato kure ehse pake ahtao wyi ekeĩko ehse toto nohpo tomo orinato po. Moro wyi ekeĩtohme pake ahtao kure moino moraro kajama aĩko moro orinato po ehse pakatokomo pake yrome moro pyra toehse seromaroro enahnõko ipunãka toehse kynoty komo myrihpyry pake ahtao.

KASANAMANO

Osemazuhme ipurihmãko aporo kure ehtohme, tuna maro orino purihmãko?

Morotoino apony rĩko aporo wewe apuhtohme.

Moroĩpo apuhnõko pitiko poe ahpitõko aporo.

Morotoino apuhnõko te, ikurãkãko roropa tapuhse ahtao pezapezake te, piupiuke te, ynara zao roropa ikurãkãko te, ĩkae roropa ikurãkãko te, ehpiry wyhnãko roropa kure, aehtohme osepune ehpiry ehtohme. Tukurãka-se ahtao ahpãko tawake, tahpakeh-se ahtao, imerehnõko kumereke, kure ehtohme.

Moroto aporo asarahnõko tapyi tao. Ikurãkãko asaratotohne.

Tasarahse ahtao apozõkãko rahkene apoto karãny rĩko zaka.

Morotoĩno tyrĩko apoto pũtokaxi tapozũka-se ahtao.

Morotoĩno ikemehtoko epupike para pihpyryke jahkatohme rahkene. Tyahke-se ahtao imetanohpõko aporo, axitũpyra toehse ahtao imenuru riko rahkene.

Osemazuhme imenuru riryhtao ahtao tyhnõko aporo topu pona araraimo yhnõko te, suhpari yhnõko te, kurumoto yhnõko ynana topu pona tyhse ahtao kasana aka tyrĩko moro zonohtopo rĩko tyrĩtohme rahkene.

Osemazuhme ahpãko araraimoke zao ahpãko aporo.

Moro esahpokoxi suhpari rĩko tahpiremyke imerõko.

Morotoino itikihnõko kurumotohke zao rokene.

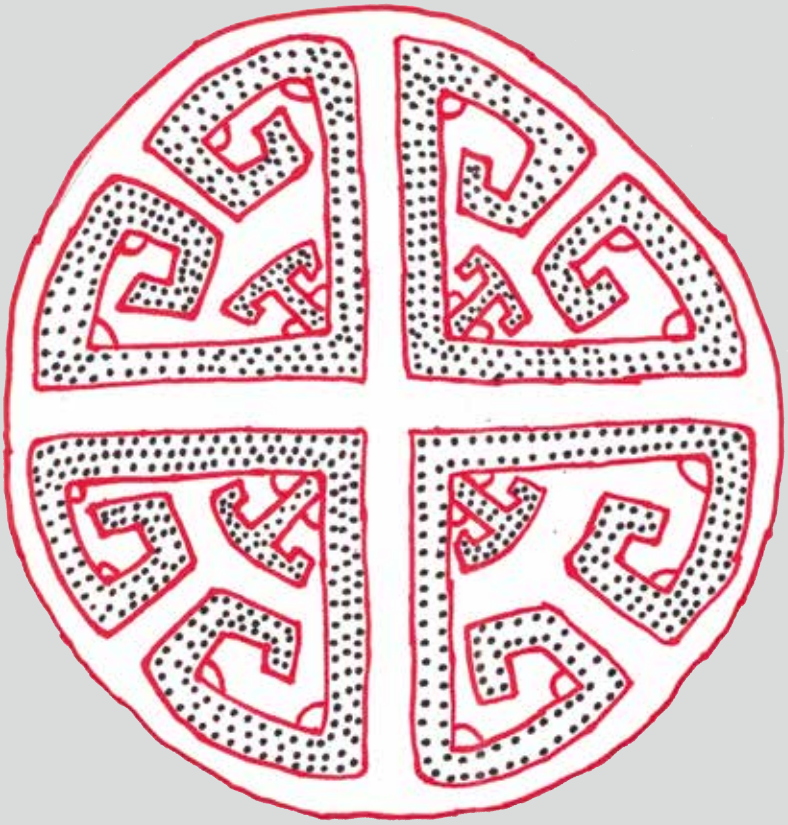
Moro esahpokoxi ikuĩko mopukuke, tukuĩkeh-se ahtao ahpãko apurukunike ãtykyry ahpãko tõtyhkase ahtao.

Moro sã rokẽ tyrĩko ehse nohpo tomo tyrise toto pake ahtao moro ao roropa eukuru enõko ehse toto, eukuru ekamotohme roropa kure ehse.

Moro kasanamano emero rokene kure ehse...

Pake ahtao pakatokomo a kasanamano risemy...

TUMERI



Osemazuhme ipurihmãko te, akykãko roropa, topu pisarara oũko.

Tupurihmakeh-se ahtao, apuhõko pitiko poe, tyrĩko wewe poko na. Tyrĩko rahkene apuhnõko mya, ao. Tykary pona.

Ikurãkãry maro, pezapezake te, piupiuke te, ynara emero ikurãkãko ikurãkatoh-ke, ĩkae te zao, ehpiry roropa wyhnãko iwyhnatoh-ke kure, ehtohme emero.

Totyhkase ahtao asarahnõko aporo. Tasarahse ahtao ahpãko tawa rĩko zonohnõko tawa ke. Tumeri pokona. Ĩkae, rokene, tyrĩko.

Morotoino imerehnõko kumere ke. Tawa merehnõko, kure ehtohme.

Asarahtohme ikurãkãko tapyi tao pixo. Asarahtãne rokene.

Tasarahse ahtao apozõkãko apoto karãny rĩko zaka.

Apoto pũtokoxi tyrĩko aporo moroto pixo.

Morotoino ikemery rĩko epupi rĩko pariarai ke ikemehtõko.

Morararo ameke pixo tyriko ahno ytotoh pona pyra.

Jahkãko morara ahtao kure zahnõko tumeri mana: Mãpyra kuĩ karyhtao mokaro ezuhnõko. Morararo jahkane tuna onẽpyra. Oturupyra roropa.

Jahkaryh tao ahtao rokene ehmopyra aehtohme: Tyahse ahtao metãko aporo, moroto yrokokoro enẽko.

Kokoro ase utumerimy zonohnõko ase.

Morotoino zonony yhnõko topu pona. Tyhnõko emero araraimo te, suhparite, kurumotoh. Ynara rokene tyhse toto zohnohtome.

Anyhnõko kasana aka. Tuna rĩko pitiko roropa isuhmatohme pixo.

Morotoino ũsehpo, rĩko imenuru ritohme.

Osemazuhme araraimoke zao ahpãko.

Morotoino suhpari rĩko isỹkatohme tapiremy.

Moro tyrise ahtao itikihnõko kurumotoh ke zao tyrĩko xinukutumano ke.

Moro sã rokene imenuru riko ehse nohpo tomo.

Morotoino ikuĩko mopukuke. Tukuikeh-se ahtao ahpãko apurikunike atykyry ahpãko rokene. Pake emero totyhkase imenuru kehko. Sero pake ahtao eukuru etopopyry tumeri pakato komo a.

Morararo eukuru zao ahtao tomeseke apoise toto, morararo tomeseke iporohkãko nono pona ehse toto.

Aehmoryse pyra exiryke.

TYPERYKEMY

Osemazuhme ipurihmãko aporo, kure ehtohme orino purihmãko tuna maro tuporepyra aehtohme.

Moromeĩpo apony rĩko wewe. Morotoino apuhnõko pitiko poe, apitoko tyrĩko zumo tyritohpona apuhnõko. Morararo ikurãkãko pezapezake te, piupiuke te, ynara imykyhmãko roropa ipymyry poro.

Ikurãkãko te, zao te, ĩkae te, ynara ikurãkãko ehpiry wyhnãko roropa ikurãkatoh-ke osepune ehtohme ehpiry emero osepune aehtohme.

Tukurãkakeh-se ahtao ahpãko ipymyry zopikoko ahpãko tawake.

Morotoino imerehnõko kumereke kure aehtoponamero tymerehkehse ahtao asarahnõko aporo tapyi tao ikurãkako asarahtohme.

Tasarahse ahtao apozokãko apoto karãky rĩko zaka, apoto pũtokoxi tyrĩko tapozokase ahtao. Morotoino ikemehtõko epupike pariarai pihpyryke, zukãko jahtohme rahkene. Tyah keh-se ahtao imetanohpõko aporo oxitũpyra toehse ahtao arõko tapyitaka imenuru ritohme.

Imenuru rĩko ĩkae zao pyra zao arypyra osemazuhme tyhnõko zonohtopo topu pona tyhnõko te, suhpari yhmõko te, kurumatoh yhnõko te, ynara topu pona: Tyhse ahtao anyhnõko kasana aka tyrĩko tuna ke isuhmãko pitiko. Osemazuhme ahpãko araraimoke zao sewemãke ahpãko aporo.

Moro esahpokaxi suhpari rĩko tapiremy ke imerõko. Morotoino itikihnõko kurumotoh ke zae xinukutumake zao. Moro sã rokene tyrise toto nohpo tomo pake… Kure ehse eukuru ẽme moro typerykemy. Sẽnase pake ahtao tomihsemy ehse porohtopo taka.

Wanohtao emehtopõ po pake tuasãmo zano ro ahtao.

Ynara ãko typatakemy ahno tomo kohmapõko eukuru ẽtohme tuaseme roropa ehse. Moro pixo õkuru ãko tynaomirohpyry a... Ekarõko eya xine aporesemy a... Morotoino ẽnõko aporo ekamõne ekamotohto tuhkãkomo a... Toto ohpãko rahkene yrome typatakemy onohpara rokene.

Tonahse ahtao ekarõkoropa moro okyryry ãko eya mokyro typatakemy a… Ynara ehse pake ahtao: Typerykemy kure ehse pake ahtao: katopopyry sero pakemãkomo a.

KAOKOMANO

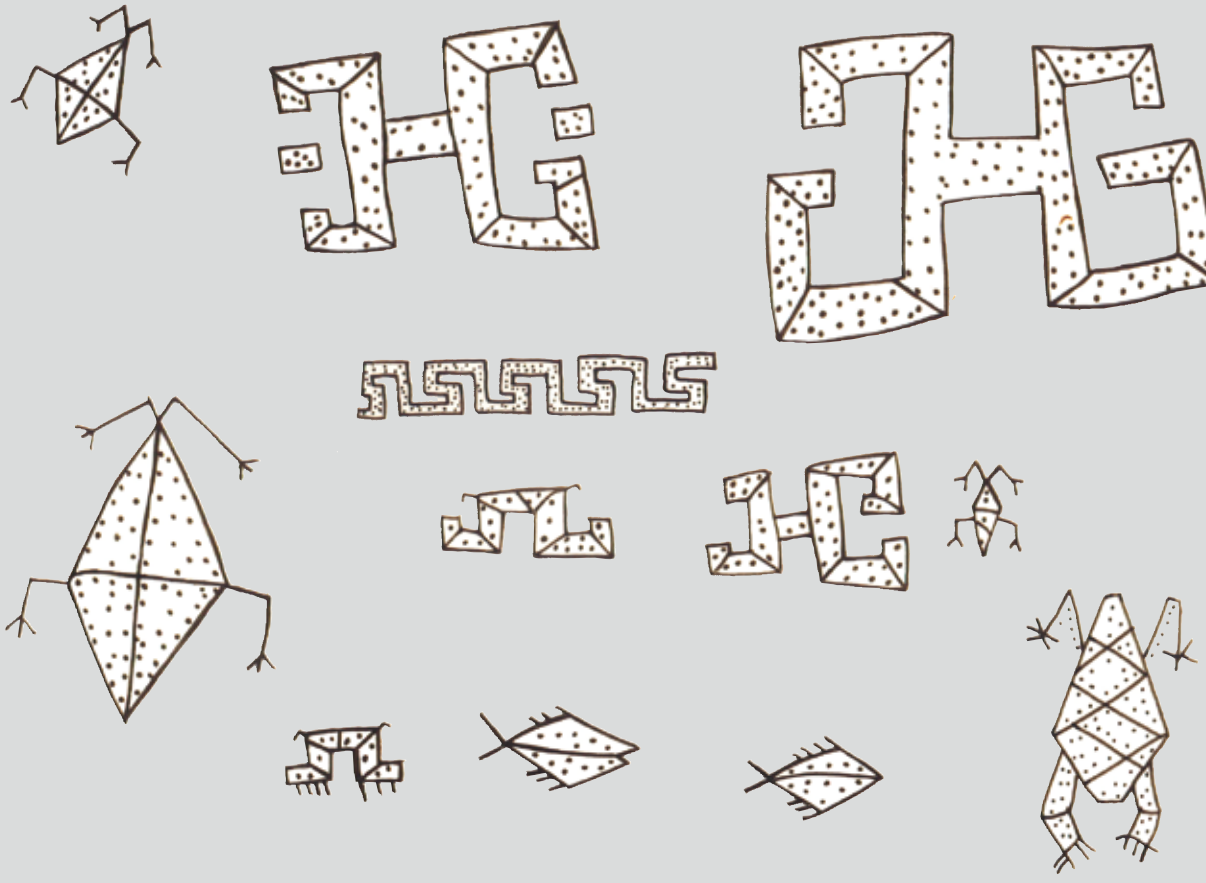
Osemazuhme akykãko aporo topu pisarara kyrỹko.

Ipurihmãko aporo tupurihmakeh se ahtao apuhnõko aty kyry poe, zumo atykyry rĩko aporo:

Morotino apuhnõko mya ao tykary ikurãkãko iwyhnãko ikurãkatohke roropa.

Mykyhme tyrĩko pixo mya zumo.Tyritoh pona te ehpiry ritoh pona ehpiry wyhnãko osepune ehtohme emero iwyhnãko zao te ĩkae roropa ynara tasarahse ahtao imerehnõko kumereke zao, ĩkae. Kure ehtohme serehme zao ehtohme roropa imerehnõko.

Tasarahse ahtao apozõkãko apoto karãmy rĩko zaka. Apoto pũ tokoxi tyrĩko aporo okynao pixo xinukutume toehse ahtao ikemehtõko epupiki pariarai pipyryke.



Moroto jahkãko kokoni pukuro rahkene yrokokoro ahpãko apurukunike zao ĩkae. Ynara ahpãko tapakeh-se ahtao jahkako apoto pona apurukuni zahkãko.

Pake, emero totyhkase kaokomano sero sã tyrise toto pake ahtao.

Kure ehse pake oripo me tõsemy ahnotohme ehse sero pake ahtao.

Morararo sautu oneyripyra zaka tose ahnõko ahtao tõsẽmy ahnõko zao.

Kana te torõtomo te, emero rokene ahnõko moro ao ehse pake ahtao.

Morarao aixi pe rokene tyrĩko ehse pake ahtao tyriko ehse nohpo tomo. Morararo ikarãmy pona misãmo apoto pona tyrĩko ehse toto tosemy ahno ryhtao aporo.

ORIPO

Osemazuhme akykãko topu pisarara emero ikyryko aporo. Morotoino ipurihmãko rahkene apuhtohme typurihmakehse ahtao.

Apuhnõko atykyry poe, aporo apuhnõko ikurãkary maro mya aotykary pona ro, apuhnõko ehpiry riry maro ikurãkãko ikurãkatoh ke roropa. Zao te ĩkae emero ikurãkako ehpiry wyhnãko iwyhnatoh ke kure ehtohme. Imerehnoko kumereke kure ehtohme, asarahnõko aporo moroto tyrĩko pixo tasarahse ahtao apozõkãko apoto karãmy rĩko zaka.

Moroto apoto pũkokoxi tyriko aporo okynao pixo. Atapazõkatohme morotino ikemehtõko epupike pariaraike jahkãko rahkene kokoniepukuro toehse ahtao.

Yrokoko ahpãko apurukunike, zao ahpãko te ĩkae ynara ahpãko aporo morotoino tyrĩko ropa apoto pona.

Apurukuni zahkãko rahkene serehme aehtohme ynara tõtyhkase pake emero. Sero oripo tõse ahnõtopo. Pake sero ao ehse tõse ahnõko emero rokene.

Meku, arimi, kana, poinoko, maxipuri, torõtomo. Morararo aixi pe rokene tyriko sautu pyra. Tyrĩko zaka. Morararo tyikemekãko misãmo ikarãny pona rokene tyrĩko tõse ahnoryhtao rokene.

MUKUXI

Osemazuhme akykãko topu pisarara emero ikyrỹko, aporo, kure.

Morotoino ipurihmãko rahkene, apuhtohme. Tupurihmakehese ahtao.

APuhnõko atytykyry poe apitõko aputyry poko.

Mya aotykary mero apuhnõko ehpiry riry mero ikurãkako ikurãkatohke roropa. Zao te, ĩkae roropa ikurãkao kure ehtohme.

Tapuhkese ahtao asarahkanoh põko. Tasarah-se ahtao imerehnõko kumereke kure aehtohme.

Tasarah-se ahtao apozokãko apoto karany rĩko, zaka.

Moroto tyrĩko apoto pũtokoxi aporo.

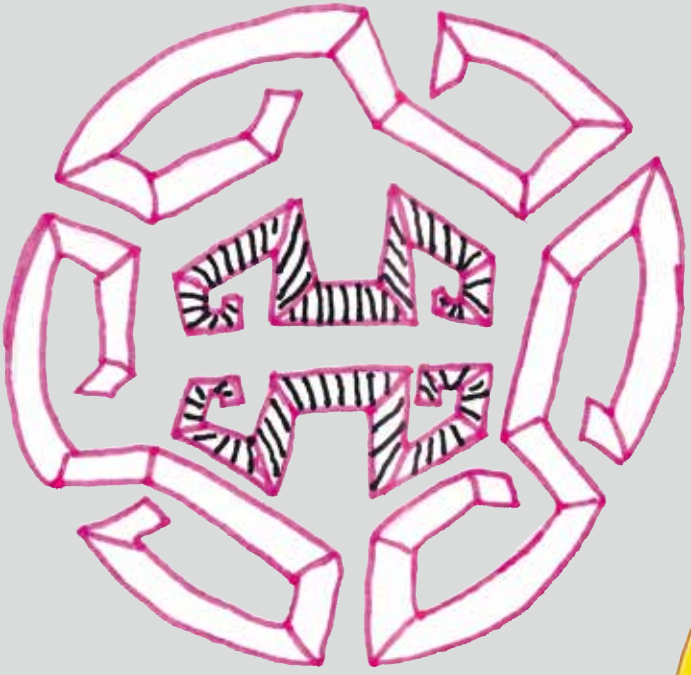
Morotoino ikemehtõko epupike.

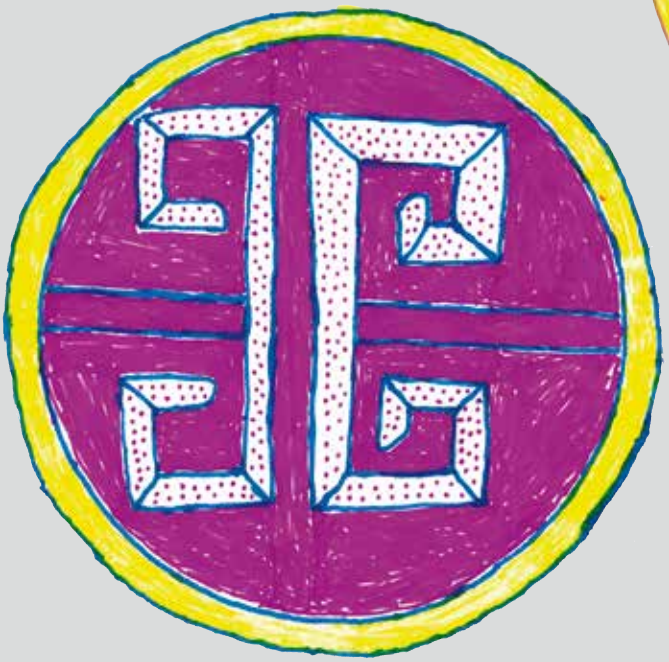
Moro meĩpo jahkãko kokonie pukuro tyahse ahtao ahpãko apurukunike zao te ĩkae ynara, ahpãko tahpakehse ahtao apoto pona tyriko jahtohme, apurukuni zahkatohme.

Kure ehtohme serehme aehtohme zao. Sero mukuxi tõse kasery kurãkatõpopyry pake ahtao.

Tykasere exikety tõ kasery eny me tyrisemy ehse pake.

Maxipuri kasery eny emero rokene, ehse pake tyrise toto pake ahtao nohpo tomo.





terminologia wayana e aparai da cerâmica

CATEGORIA ARTESANAL DA CERÂMICA

Ëliwë/orino – nome genérico

MATÉRIAS-PRIMAS MINERAIS

Ëliwë/orino – argila

Essa matéria-prima recebe nomes variados de acordo com a condição de preparo:

Ëliwë/orino – pasta de argila bruta

Takïuphe/takyhse – pasta de argila ressecada

Ëliwë tïjophe/orino tynohse – argila moída

Ulalak/purihme – pasta de argila molhada

Tïpulakmai/typurihmase – pasta de argila amassada

Ëliwë ipok/orino kure – pasta de argila pronta para uso

ANON – TINTAS, CORANTES

Ëliwakpiu/xuhpari – corante mineral vermelho

Kuli/araraimo – corante mineral ocre

Pulunë/kurumoto – corante mineral cinza-azulado

Nënuwë/tawa – corante mineral branco – caulim dissolvido em um pouco de água. Aplicada antes da queima, na parte externa de certos vasilhames cerâmicos.

As tintas minerais são empregadas para traçar grafismos na parte interna e externa dos vasilhames. A matéria prima é colhida no leito dos igarapés, pode ser amassada até formar um bastão alongado, posteriormente seco ao sol. Os bastões são ralados em uma pedra plana e misturados à água antes de serem utilizados.

Um vasilhame sendo esquentado por brasas para propiciar a aplicação de verniz

TRATAMENTO DA SUPERFÍCIE

Tawekai/tywynas – face, parede do vasilhame em estado bruto
Tapilëi/tapirose – face alisada, polida
Tonophem/tonohse – face com grafismos pintados
Pahjeh/merie – face com grafismos riscados, incisos
Tëwupkai/iwynatopo – grafismos feitos com as unhas

MATÉRIAS-PRIMAS DE ORIGEM VEGETAL

Kalapa/azawa – lenha, combustível para queima

Palialai/pariarai – lenha, combustível para queima

Kanawa imë/kanawa imo – lenha, combustível para queima

Kuwepi/kuepi – lenha, combustível para queima

Para a queima dos vasilhames são utilizadas apenas as cascas das espécies mencionadas, as quais não foram identificadas.

Aputlukum/apurukuni – impermeabilizante

A casca do ingá-do-mato (*Inga paraensis*) é raspada com faca, espremida, extraindo-se uma substância que pode ser diluída com água ou tucupi e colorida com urucu (*Bixa orellana*). A tintura resultante é espalhada com os dedos sobre a superfície do vasilhame de argila.

Mëpuk/mapuku – verniz/goma vegetal (foto abaixo)

A seiva do jutaieceiro (*Martiodendron elatum*) é extraída e cozida em água. As impurezas são retiradas e confeccionam-se bastões. Na sua aplicação, o bastão deve deslizar na face pintada dos vasilhames, previamente aquecidos.

Conforme os resultados, o verniz aplicado é identificado:
Mëpuk tïkolokem/mapuku karimutumano – verniz claro, translúcido
Mëpuk taliliman/mapuku xinukutumano – verniz escuro

PROCESSO DE CONFECÇÃO

Tïpukhe/tapuhse – técnica do acordelado
Tïmelemai/tymerehmase – rolete curto e mais grosso
Para a confecção da base.

Tïmelemai kupime/tymerehmase mosa – rolete comprido
Utilizado para a produção das demais partes do recipiente de argila.

IMPLEMENTOS EMPREGADOS

Kalapi/kasana – Fruto da cueira (*Crescentia cujete*)
Possui vários usos: armazenar água; na confecção dos corantes minerais.

Tëputïkïtop/ximari – ralador
Fragmento de pedra áspera; permite ralar os corantes.

Armit/apone – base de apoio
Pode ser um fragmento de trançado ou tábua de madeira onde é disposta a base e, sobre esta, os roletes para a confecção dos artefatos de argila. Para o torrador, a base trançada é recoberta com folhas de bananeira.

Ernai putpë/oxinase upuhpo – alisador
Sabugo de milho (*Zea mays*), usado durante o processo de confecção de vasilhas de argila, alisando-a interna e externamente.

Piupiu/Piupiu – alisador
Fragmento do fungo orelha de pau (*Pycnoporus sanguineus*). Repetidamente molhado em água, alisa o bordo dos vasilhames de argila.

Mele/mere – polidor

Pequeno seixo rolado; para o polimento da vasilha, após a secagem.

Pelo/pezapeza – raspador

Fragmento retangular de cuia; confeccionado em vários tamanhos. É usado durante a confecção do vasilhame, para a raspagem e alisamento de seu interior.

Kulupu/kurupu – raspador

Caramujo terrestre, empregado para raspar panelas, limpando-as depois de confeccionadas.

Ititikmatop/itikyrytopo – pincel pontilhador

Pedaço de nervura de palmeira com ponta de algodão. É empregado para preencher o interior do traçado dos grafismos e também para executar pequenas correções.

Umhetpë/usehpo ou imiliktop/imerotopo – pincel (foto abaixo)

Confeccionado com cabelos humanos da ceramista e presos a uma pequena esfera de argila. É usado para fazer o traçado dos grafismos nos vasilhames de argila, depois de queimados.

ESTÁGIOS DE CONFECÇÃO

Tïkaktop/tykahtopo – em confecção, inacabado
Tïhalaphe/tasarahse – concluído, pronto
Tïhukulule/tahxikure – pronto, mas ainda úmido
Ewalukpï/jakahpyry – pronto e seco
Tïwahe/tyahkase – queima
Tïwïkai/tywynase – queima inicial
Tukai/tukase – queima final
Tonophe/ tonohse – pintura (pintando)
Tonophe takpai/tonohse tahpase – impermeabilização com ingá do mato
Tïkuihe/tapozukase – envernizamento com jutaicica

COMPONENTES DA PANELA *TUMAINÉ/ORIPO*

Ewa/eary – alça
Upota/ipotary – abertura, boca
Ine/atykyry – base, fundo
Ekpi/ehpiry – borda
Eku/akuehty – gargalo
Ipun/ipunu – parte interna, bojo
Tïkaphe/tykahse – contorno externo

ÕSEHPO

Osemazuhme õsehpo apopohnõko orino rĩko ipokona õsehpo pokona. Kure exikety rokene rĩko roropa õsehpo.

Morotoino tumeri pokona ikuhnõko rahkene kure ahtao imenuru rĩko moro õsehpo ẽ purihkãko. Araraimo aka õsehpo rĩko imepyny aka epurihkãko suhpari aka.

Morotoino tyoro aka ẽ purihkako kurumotoh aka. Moro sã rokene.

ZONOHTOPO

Osemazuhme tyhnõko araraimo. Yhnõko topu pona.

Morotoino suhpari yhnõko topu pona roropa te kurumotoh yhnõko roropa.

Tyhkehse ahtao anynõko kasana aka, kehko. Tyritohme imerotohme, kehko.

ORINO PATA

Sero orino patary esety.

Osemazuhme (Kuriwerui, Tyaritakemy, Xihtare, Epare, Pãmo, Topokuru, Ximarikuru) orino patary kehko iporiry tomo.

Nae, kure, exikety te nae popyra orino ynara ornio mã kehko.

ZONOHTOPO PATA

Sero zonohtopo patary esety.

Suhpari patary esety (Rikorikomy).

Araraimo patary esety Kuriwerui.

Tawa patary esety Nukohi-e.

Kurumoto patary Sãsawa emero rokene iporiry kuao kehko.

Ao lado, *Tukusipan*/*Porohtopo* da aldeia Kurupohpano

referências bibliográficas

ANÔNIMO. Caway: Culture artisanat Wayana. Cayenne: Imprimerie Guyane Matin, 1988.

BARBOSA, G.C. Das trocas de bens. In: Gallois, D (Org). *Redes de relações nas Guianas.* São Paulo: Associação editorial Humanitas: Fapesp, 2005. pp. 59-111.

DUIN, R. S. A Wayana Potter in the tropical rain forest of Surinam/French Guyana. Newsletter, Department of Pottery Technology. Leiden University. Vol. 18/19, 2000/2001. pp. 45-57.

GALLOIS, D. T. Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas. São Paulo: Iepé, 2006

GALLOIS, D. T. & D. F. GRUPIONI. Povos indígenas no Amapá e norte do Pará. 2ª ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.

GRENAND, P. & PRÉVOST, M.F. Les plantes colorantes utilisées en Guyane française. n: Journal d'agriculture traditionnelle et de botanique appliquée, 36e année, bulletin n°1,1994. pp. 139-172.

RIBEIRO, B. G. Dicionário do artesanato indígena. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1988.

SCHOEPF, D. La marmite Wayana. Cuisine et societé d´une tribu d´Amazonie. Genève: Musée d´Ethnographie, 1979.

VELTHEM, L. H. VAN. Onde os Wayana penduram suas redes? *In*: Novaes, S. C. (Org.) *Habitações Indígenas*. São Paulo: Nobel/EdUSP, 1983. pp. 169-193.

VELTHEM, L. H. VAN. Equipamento doméstico e de trabalho. *In*: Ribeiro, D. (Ed.) *Suma Etnológica Brasileira* . V. 2 Tecnologia Indígena. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1986. pp. 95-108.

VELTHEM, L.H. VAN. Das cobras e lagartas: a iconografia Wayana. *In*: Vidal, L. (Org.) *Grafismo Indígena. Estudos de antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel/EDUSP/ FAPEP, 1992. pp. 53-65.

VELTHEM, L.H. VAN. Homens, guaribas, mandiocas e artefatos. In: Severi, C. Lagrou, E. orgs. *Quimeras em diálogo. Grafismo e figuração na arte indígena.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. pp. 139-161.

VELTHEM, L.H. VAN & LINKE, I.L. V. Livro da arte gráfica Wayana e Aparai: Waiana anon imilikut pampila, Aparai zonony imenuru papeh. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2010.

VELTHEM, L.H. VAN & LINKE, I.L. V. Tukusipan Wetkatop, Porohtoh Ekyhpymatopo: jornal informativo sobre ritual ocorrido na aldeia Xuixuimene, Terra Indígena Rio Paru D'Este, agosto de 2012. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2012.

VELTHEM, L.H. VAN & LINKE, I.L. V. Livro do Arumã: Wama Pampila, Aruma Papeh. São Paulo: Instituto Iepé, 2014.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-98046-23-5
9 788598 046235

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE